



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

PRISCILA DA SILVA NASCIMENTO

LIVRO-REPORTAGEM

RECUPERÁVEIS
HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE ESTIGMAS POR MEIO DA FÉ

FORTALEZA

2022

RECUPERÁVEIS - HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE ESTIGMAS POR MEIO DA FÉ

Relatório técnico do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Priscila da Silva Nascimento¹

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N197r Nascimento, Priscila da Silva.
Recuperáveis : Histórias de superação de estigmas por meio da fé / Priscila da Silva Nascimento. – 2022.
45 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas.

1. Estigma. 2. Tráfico de drogas. 3. Igreja Evangélica. 4. Religião. 5. Livro-reportagem. I. Título.
CDD 070.4

¹ E-mail: priscilaanabatista@alu.ufc.br

PRISCILA DA SILVA NASCIMENTO

RECUPERÁVEIS - HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE ESTIGMAS POR MEIO DA FÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Aprovado em: __ / __ / __

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Maria Aparecida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Rosane da Silva Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me inspirar na escolha e na escrita deste trabalho. Sou imensamente grata pela oportunidade de me graduar em uma universidade pública de qualidade e tenho orgulho de carregar o nome Universidade Federal do Ceará comigo. Agradeço ao professor Ricardo Jorge pelas orientações, correções e ideias, além do incentivo no constante exercício de me (re)descobrir na escrita com a sensibilidade que o tema merecia. Agradeço a todos os professores que contribuíram com minha trajetória acadêmica. Agradeço especialmente à professora Cida, que apoiou desde o início meu projeto, ao professor Robson, por acreditar no potencial acadêmico do meu tema, e à professora Rosane, que prontamente aceitou o convite de fazer parte de minha banca de defesa.

Agradeço aos meus pais, Jairo e Marta, por darem tudo de si em nossa família, ensinando desde cedo a mim e aos meus irmãos sobre o poder da educação na vida de alguém. Jamais poderia deixar de registrar o meu eterno *obrigada* à minha tia Consuelo (*in memoriam*) por acreditar, desde criança, que um dia eu chegaria até aqui. Sou grata aos meus amigos mais chegados que irmãos por estarem sempre comigo, me apoiando e me permitindo compartilhar um pouco das dores e das alegrias desta nobre e desafiadora jornada.

Obrigada aos meus colegas Luana, Lucas e Laila, que foram minhas companhias nesta trajetória universitária. Gratidão especialmente à Luana, com quem mais dividi as aventuras e os desafios do jornalismo. A intensidade de vivê-lo nos trouxe memórias das quais jamais esqueceremos, por terem forjado quem somos. Agradeço aos meus colegas de trabalho por todo suporte e apoio nos últimos anos desta jornada.

Agradeço aos especialistas que dedicaram tempo em compartilhar seus conhecimentos e experiências para colaborar com esta pesquisa. Agradeço a cada pessoa que, durante este processo, até mesmo sem saber, contribuiu para esta pesquisa, fosse indicando um autor, fonte ou livro. Bruno, Sena, Carol e Daniel, serei sempre grata à vocês por confiarem em mim e me deixarem mergulhar na história de suas vidas para contá-las ao mundo. Sigo acreditando que um dos bons serviços que o jornalismo pode prestar à sociedade é contar boas histórias em reportagens que ajudem a ampliar a visão de mundo das pessoas. Obrigada por me permitirem isso.

RESUMO

O livro-reportagem perfil aqui esquadrinhado aborda histórias de pessoas que foram marginalizadas pela sociedade pelo uso e/ou tráfico de drogas e que alteraram sua condição de vida ao superarem estigmas através da fé, encontrando na igreja evangélica um ponto de apoio para construção de nova identidade social em Fortaleza. Para a produção deste projeto, utilizou-se da entrevista em profundidade, a fim de extrair dos quatro perfilados relatos legítimos de sua vivência. Dados oficiais sobre o tema foram consultados, assim como materiais de Edvaldo Lima, sobre livro-reportagem, e de Juliano Spyder, sobre os evangélicos. Com a produção do livro, espera-se promover espaço de discussão na mídia a respeito da existência de trajetórias como as das personagens apresentadas e dar visibilidade ao fenômeno investigado.

Palavras-chave: tráfico de drogas; estigma; religião; igreja evangélica, livro-reportagem.

ABSTRACT

The book-report profile analyzed here addresses stories of people who were marginalized by society due to drug use and/or trafficking and who changed their life conditions by overcoming stigmas through faith, finding in the evangelical church a point of support for building a new social identity in Fortaleza. For the production of this project, an in-depth interview was used in order to extract from the four profiled legitimate reports of their experience. Official data on the subject were consulted, as well as materials by Edvaldo Lima, on book-report, and by Juliano Spyer, on evangelicals. With the production of the book, it is expected to promote a meeting space in the media regarding the existence of trajectories such as the illustrious characters and offer visibility to the investigated phenomenon.

Keywords: drug trafficking, stigma, religion, evangelical church, book of reportage.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. PROBLEMA	11
3 OBJETIVOS	12
3.1 OBJETIVO GERAL	12
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
4. OBJETO	12
5. JUSTIFICATIVA	12
5.1 RECORTE	13
5.2 ESTADO DA ARTE	14
5.3 AVANÇO	16
6. REFERENCIAL TEÓRICO	17
6.1 AUTORES	17
6.2 CONCEITOS TRABALHADOS	17
7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
8. FONTES CONSULTADAS	21
9. SUPORTE ADOTADO	23
10. PRODUÇÃO	24
10.1 PRÉ-PRODUÇÃO	24
10.2 ENTREVISTAS	24
10.3 ESCRITA	26
10.4 ESTRUTURA DO PRODUTO	26
11. PROJETO GRÁFICO	28
11.1 FORMATO	28
11.2 PROPOSTA VISUAL	28

11.3 CAPA	29
11.4 TIPOGRAFIA	30
11.5 CORES	31
11.6 RECURSOS VISUAIS	31
12. CUSTOS	32
13. CRONOGRAMA	33
14. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXO	39

1. INTRODUÇÃO

Segundo Luciana Boiteux (2014), no Brasil, 24,7% das mulheres e 10,3% dos homens presos cumpriam pena por tráfico de drogas em 2005. Já em 2014, esses números aumentaram para 58% e 23%, respectivamente (BOITEUX, 2014). O mais completo levantamento sobre drogas já realizado no Brasil, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz em 2015, apontou que 4,9 milhões de pessoas fizeram uso de substâncias ilícitas no ano da pesquisa. As recorrências são maiores entre homens e jovens.

Além disso, o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, o Infopen, indica que, em relação à distribuição dos crimes no sistema federal entre 2015 e 2016, o tráfico de drogas comportou 30% dos registros, enquanto o Ministério da Justiça e Segurança Pública divulgou que apenas no primeiro semestre de 2020, foram realizadas 48.298 prisões no Brasil relacionadas ao tráfico de drogas.

A saber, a Organização Mundial da Saúde reconhece a dependência química não só como doença, mas como uma questão social, pois impacta o indivíduo nas dimensões biológica, psíquica e espiritual. Sendo assim, os ciclos de tratamento não dependem apenas do âmbito fisiológico e, por isso, conforme aponta o “*Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas*” do Ministério da Cidadania, se faz necessário o apoio assistencial que compreenda a autoestima, a autonomia e o estímulo à transformação pessoal para a reinserção social - do contrário, as recaídas são mais prováveis.

Já quanto às origens judaico-cristãs, analisando-as, é possível afirmar que, para os cristãos, a ideia de atenção aos marginalizados é um mandamento. Registros da Bíblia Sagrada sobre Jesus Cristo mostram que, durante o século I na região da Galileia, em Israel, o líder chegava-se com compaixão às pessoas desprezadas pela sociedade da época, tais como leprosos, prostitutas, publicanos, mulheres, pessoas com deficiência e afins, mudando suas condições de vida e deixando o legado sobre visibilidade aos mais vulneráveis e marginalizados.

A Reforma Protestante, ocorrida no Século XVI, deu uma contribuição adicional na área social, na qual os reformadores Lutero e Calvino deram ênfase à responsabilidade social da igreja. Desde então, pôde-se ver ao longo da história diversos registros de ações sociais

voltadas aos grupos marginalizados, como as da Igreja Metodista em 1865, através do movimento Exército de Salvação - liderado por William Booth, em Londres - e que hoje tornou-se uma das maiores organizações internacionais de apoio a crianças em situação de risco, idosos, pessoas que buscam qualificação para reinserção no mercado de trabalho e entre outros.

Com base no exposto, a presente pesquisa buscou analisar as vivências de indivíduos estigmatizados pela problemática social de uso e tráfico de drogas e qual papel social a igreja evangélica possui frente a estas questões na contemporaneidade.

2. PROBLEMA

Os dados já apresentados nesta pesquisa revelam que no Brasil há uma crescente no número de indivíduos - tanto homens quanto mulheres - envolvidos no uso e no tráfico de drogas, gerando uma urgência na existência de iniciativas que promovam a reinserção destes grupos à vida comum - uma problemática social a ser encarada.

Além do esforço para a própria mudança pessoal, grupos de usuários e traficantes de drogas ainda têm outro problema a enfrentar: o preconceito da sociedade que os leva à marginalização. Como exemplo dessa rejeição social, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública aborda que 57% da população brasileira em 2016 concordava com a frase “bandido bom é bandido morto”. O medo e a discriminação enraizados na sociedade refletem, nesses grupos marginalizados, estigmas e baixas perspectivas de reinclusão, colaborando na reincidência criminal ou recaídas nas drogas.

Segundo a assistente social e pesquisadora Selma Frossard Costa, no ciclo de reinserção social de pessoas que estiveram à margem da sociedade está inclusa a criação de novas relações sociais. O objetivo é que haja rompimento desses indivíduos com suas relações anteriores do ciclo de tráfico e utilização de drogas. Além disso, outro fator apontado pela especialista é que a maioria desse público busca apoio em igrejas, onde criam novos vínculos, incluindo novas experiências na dimensão espiritual, onde “a descoberta do relacionamento com Deus também ocorre de forma muito significativa” (COSTA, 2000), gerando transformação pessoal e aceitação de crenças a partir do que chama-se de *conversão*.

Tendo em vista a problemática exposta, o presente projeto baseou sua pesquisa no seguinte questionamento: de que forma um livro-reportagem de perfil poderia ajudar a compreender a realidade de pessoas marginalizadas que buscam na religião seu meio de transformação e superação de estigmas e na igreja evangélica um ponto de apoio para reinserção social?

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Produzir um livro-reportagem de perfil sobre pessoas que, estando à margem da sociedade, foram estigmatizadas, mas que através da religião encontraram apoio para alterar sua condição de vida e terem uma nova inserção na sociedade com uma nova vida social na igreja evangélica.

3.2 ESPECÍFICOS

1. Compreender e comunicar histórias de pessoas antes marginalizadas, mas que alteraram suas condições de vida e mudança pessoal por meio da fé
2. Explorar e refletir que potenciais a fé e a igreja evangélica possuem na história dessas pessoas na superação dos estigmas sociais, criação de novos vínculos e reinserção social
3. Investigar de que forma a igreja evangélica funciona como agente de mudança e assistência nas causas sociais contemporâneas
4. Entender de que forma as ferramentas discursivas e métodos utilizados na apuração e produção deste projeto podem ajudar a imergir o leitor na causa social da reinserção e combate à marginalização de indivíduos que decidem sair das drogas/do tráfico através da visibilidade dos perfilados

4. OBJETO

Histórias de vida de indivíduos que já estiveram em situações sociais vulneráveis por uso e/ou tráfico de drogas que os levaram à margem da sociedade, mas que superaram sua condição através da religião, buscando ressignificado de vida e ajuda da igreja evangélica para, além de apoio espiritual, superação dos estigmas sociais e reinserção à vida comum.

5. JUSTIFICATIVA

A motivação pessoal na escolha do tema se deu a partir da minha observação sobre o notório crescimento de igrejas evangélicas nos grandes centros urbanos - onde a violência, o tráfico e o uso de drogas também estão bastante presentes. Já como integrante de uma igreja evangélica, notei uma crescente nas histórias de pessoas que vieram desse contexto, convertendo-se ao cristianismo evangélico e criando uma nova identidade social ao deixar o antigo estilo de vida que levavam para adotarem outro. Assim, surgiu o interesse jornalístico em investigar esse fenômeno, compreender o que existe por trás das histórias dessas pessoas e mostrar ao mundo que elas existem, dando a oportunidade de contarem suas histórias - o que na mídia tradicional não provavelmente não teriam essa oportunidade.

Desde a motivação inicial à análise de materiais já existentes, alguns fatores analisados foram determinantes para a escolha do tema, recorte e suporte propostos, como pode-se observar nos tópicos abaixo.

5.1 RECORTE

Tendo em vista as problemáticas apresentadas, fica clara a importância do incentivo às estratégias e métodos de combate à marginalização desses grupos, bem como dar visibilidade à causa de grande relevância social. Sendo a espiritualidade e a igreja - como já abordado nos tópicos anteriores - apontados como possíveis meios de incentivo à mudança de vida, inclusão e ressocialização, o presente projeto propõe-se a examinar e a entender mais a respeito dessa realidade.

Como recorte para aprofundamento no papel da instituição igreja, a pesquisa concentrou sua investigação ao segmento cristão-evangélico, por ser apontado como um movimento que tem ganhado bastante relevância nas cidades metropolitanas no cenário nacional (MENDONÇA, 2008). Além disso, segundo pesquisa feita em 2018 pelo Instituto Opnus, no interior do Ceará o número de católicos supera 70%, enquanto na capital essa quantia atinge 54% - cerca de 16% a menos, dando lugar ao segmento evangélico nos grandes centros urbanos, sobre o qual o presente estudo investiga.

Quanto à atuação do segmento evangélico com públicos vulneráveis, o antropólogo Juliano Spyer aponta que o ambiente das igrejas evangélicas estimula a disciplina pessoal e a resiliência dos fiéis, reforçando entre os mais vulneráveis o sentimento de dignidade. Em seu livro *Povo de Deus - Quem são os evangélicos e por que eles importam*, fruto de sua pesquisa de campo com evangélicos realizada em Salvador, Juliano explica:

A igreja produz uma narrativa de vida alternativa [...] e ainda é uma porta de saída para ex-criminosos e dependentes químicos refazerem suas vidas. [...] A igreja evangélica leva para os moradores das periferias aquilo que não chega pelos serviços do Estado. [...] Como as igrejas evangélicas são muito mais numerosas nas periferias do que as igrejas católicas, mais pessoas acabam beneficiadas com esse tipo de ajuda. (Spyer, 2020, pág. 24 e seg).

Além disso, outro fator decisivo para a escolha do recorte é o fato também apontado por Spyer de que, apesar de todo engajamento social de igrejas evangélicas em diversos segmentos, o que se vê muitas vezes na mídia são associações desta instituição a pautas negativas e enquadramentos generalizadores - o que acaba por abafar seu potencial de atuação em arrefecer as problemáticas contemporâneas (2020, p.94).

5.2 ESTADO DA ARTE

De maneira geral, quanto ao estado da arte, pôde-se localizar algumas matérias e estudos sociológicos que contribuem com a análise do fenômeno. Dentro os títulos que mais se aproximam da presente proposta (listados também posteriormente na bibliografia), alguns se destacam:

- *De traficante a pastor: uma análise da conversão religiosa de traficantes do bairro da penha em Vitória (ES)*

O artigo publicado na edição jan-abr de 2022 na Revista *Dilemas* analisa pela ótica sociológica a mudança de pessoas que tiveram uma “carreira” no tráfico de drogas e que, posteriormente, ingressaram em igrejas e assumiram cargos de liderança. Como método, os autores analisaram, observaram e entrevistaram três personagens ex-traficantes em busca de explicar o efeito da religião no seu processo de mudança.

- *A Igreja Batista contra o vício*

A matéria publicada no site da *Superinteressante* aborda principalmente o papel de igrejas batistas no apoio aos dependentes químicos da Cracolândia² a partir do projeto chamado “Cristolândia”, mostrando a pertinência do estudo sobre o fenômeno em questão.

- *A Influência da Religião na Ressocialização do Apenado.*

O artigo extraído de uma monografia da própria autora - Angélica Freitas - analisa a implementação da assistência religiosa como método eficaz ressocializador do egresso do sistema penitenciário. A pesquisa aponta que a experiência religiosa restabelece o sentido da existência, ensinando questões essenciais ao convívio em sociedade, ajudando a distinguir velhos valores dos novos, velhas condutas das novas, ajudando a mudar os hábitos e superar as perdas e vícios do indivíduo marginalizado.

- *Amazonas: Presidiários buscam ‘mudar de vida’ por meio da fé*

A matéria publicada no Portal *Guiame* mostra como igrejas de Manaus têm colaborado com a recuperação de presos através da fé, desde realização de cultos nas unidades prisionais até a oferta de aulas preparatórias para vestibular e atendimento médico e psicológico.

- *A Videira e os Ramos: histórias de vida da Comunidade Cristã Videira*

Quanto à abordagem do trabalho de igrejas evangélicas em Fortaleza, o referido livro que data de 2014 trata sobre a relevância de uma igreja no contexto urbano e social. A obra traz um apanhado sobre a história da denominação, além do trabalho desenvolvido em diferentes esferas, incluindo presídios e recuperação de dependentes químicos.

² Área ocupada por traficantes e usuários de drogas em situação de rua no centro de São Paulo

5.3 AVANÇO

Como as próprias pesquisas supracitadas apontam, os estudos por elas traçados cooperam para a construção gradual de uma quadro analítico de temas que interessam à Sociologia no tocante à temática de ressocialização, além do crescente cenário de criminalidade e a atuação e expansão de igrejas evangélicas nos grandes centros urbanos.

Entretanto, não foram localizados livros-reportagem que tratassem especificamente de histórias de vida, dando voz e visibilidade ao grupo aqui apresentado - especialmente de indivíduos da região de Fortaleza. Sendo assim, pode-se inferir que as temáticas, recorte e suporte apontados por esta pesquisa ainda não haviam sido trabalhados, tornando-se válida, portanto, a presente proposta.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa teve como base os estudos existentes relacionados aos conceitos sociológicos sobre marginalização, estigma, religião, além de livro-reportagem. Para a construção do produto, foram consideradas pesquisas já traçadas sobre os conceitos supracitados.

6.1 AUTORES

Quanto à marginalização, levaram-se em conta os estudos do sociólogo francês Robert Castel, por possuir vastas pesquisas no assunto. Erving Goffman, antropólogo e sociólogo canadense, foi consultado como um dos principais pesquisadores a respeito do conceito social de estigma.

Já a respeito do aspecto sociológico da religião, foram considerados os conceitos do sociólogo e teólogo austro Peter Berger - em especial sua obra *Dossel Sagrado*. Em relação ao livro-reportagem, examinaram-se os estudos do Professor e Doutor em Comunicação Edvaldo Lima, autor da obra *O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*.

6.2 CONCEITOS TRABALHADOS

“Marginalização” é um conceito sociológico que está relacionado à exclusão, seja social, cultural, política ou econômica. Indivíduos marginalizados são, portanto, pessoas que se encontram à margem da sociedade. Segundo Robert Castel (2008), sociólogo francês, a marginalização é um processo de exclusão causado principalmente pelas desigualdades sociais e sensação de não pertencimento. A marginalização ocorre por diversos fatores e os indivíduos que a sofrem enfrentam discriminações, preconceitos, estigmatização e hostilidades ao buscarem ser novamente inseridos na sociedade.

No caso da marginalização social, o fenômeno está ligado à exclusão de pessoas em detrimento de suas condições sociais, geralmente ocorrendo por estarem em situações menos favorecidas. Aliado à falta de incentivos e de intervenções públicas, esses grupos ficam cada vez mais vulneráveis à toxicodependência e ao crime como escape de sua realidade, sendo

postos às margens da sociedade, gerando estigmas, problemas sociais, aumento de violência e desigualdade social.

Além das intervenções públicas, outros métodos são usados para combater a marginalização social, como cultura, música, esporte, religião e espiritualidade, além de ações sociais de instituições de terceiro setor. No contexto desta pesquisa, pretende-se analisar a religião aliada ao apoio de igrejas que funcionam como organismos espirituais e ao mesmo tempo instituições civis e jurídicas - que ao longo da história atuaram na sociedade com ajuda humanitária.

Já quanto ao termo “estigma”, vale destacar que, no período da Grécia Antiga, a palavra era usada para sinalizar marcas feitas em criminosos e escravos, identificando-os corporalmente. Na obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Erving Goffman (2008) define o termo como a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena por possuir características diferentes daquilo que se é previsto, interferindo na construção de sua identidade social.

Segundo Goffman (2008), todo estigmatizado poderia ser explicado sociologicamente como “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana que possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus”.

O sociólogo destaca, como um desafio, o contato de indivíduos estigmatizados com pessoas consideradas “normais”, por estes estarem em situação de insegurança em relação a como serão reconhecidos e tratados. Além disso, o canadense defende que, com o passar dos anos, o estigmatizado sempre enfrentará barreiras ao lidar tanto com novos vínculos quanto em manter os que já possuía.

Em *Dossel Sagrado*, Peter Berger faz um comparativo de que o *cosmos sagrado* (religião) é um meio do homem enfrentar o *caos* de sua realidade, à qual recorre para colocar sua vida em ordem, gerar significado de vida e sentir-se pertencente. Segundo Berger, é a religião que mantém a realidade socialmente definida e que permite ao indivíduo ter uma autoidentificação a partir de uma verdade cósmica e transcendente, cuja nova cosmologia da

religião (visão de mundo) gera nele uma outra percepção da realidade e uma nova consciência sobre si mesmo, impactando na sua vida pessoal e social.

A respeito de livro-reportagem, este conceitua-se como um produto cultural que combina características do Jornalismo e da Literatura, sendo um produto impresso não periódico que inclui projeto gráfico (LIMA, 1995). Edvaldo Lima aponta que o livro-reportagem serve como complemento à cobertura da grande imprensa. Segundo o autor, o livro-reportagem sempre surge a partir de uma inquietude do jornalista que tem algo a dizer ou a mostrar com profundidade e que não encontra espaço na mídia cotidiana (1995, p.33).

A escolha do gênero livro-reportagem dá-se por ser um gênero de aspecto híbrido e que permite mais possibilidades de abordagem:

Ele permite usar mais livremente fontes inanimadas como livro, tese dissertação, letra de música, análise de um instituto de pesquisa entre outros. Outro procedimento adotado no livro-reportagem é a humanização, ou seja, aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto. (Rocha e Xavier, 2012, pág.13).

As autoras Rocha e Xavier (2012) apontam que o livro-reportagem vem crescendo no circuito editorial do jornalismo por ser uma alternativa aos profissionais desenvolverem, em um suporte específico, um texto mais aprofundado na prática do jornalismo investigativo, de forma mais autônoma. Como as próprias autoras explicam, no livro-reportagem é possível trazer novas abordagens sobre um mesmo fato, estreitando a relação entre Jornalismo e História quando se utiliza da memória como fonte e método de construção do trabalho.

7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa quantitativa para a obtenção de dados e números a respeito do tema foi realizada através de consulta em artigos, portais e sites de centros de pesquisa ou de organizações governamentais. Quanto à abordagem subjetiva, a metodologia predominantemente adotada foi a da entrevista em profundidade, que consiste em uma técnica qualitativa em que o entrevistado tem liberdade para se expressar sobre o tema abordado. Nas palavras de Jorge Duarte, jornalista e doutor em Comunicação:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. (DUARTE, 2010, p. 62)

Quanto ao tipo, utilizou-se da entrevista *semiestruturada*, definida como quando o entrevistador possui um roteiro de perguntas prévias, mas que podem ser alteradas ou adaptadas ao longo da conversa.

As sondagens foram direcionadas à coleta de relatos de pessoas que tiveram a vivência de estarem à margem da sociedade e que encontraram na conversão ao Cristianismo e na instituição igreja a força e o apoio para a mudança pessoal e a reinserção à uma nova vida em sociedade. A abordagem de uma escuta imersiva proporcionou uma melhor análise de detalhes da trajetória dos perfilados que, comunicada e transmitida em livro, permitiu dar voz e visibilidade a esses grupos e ao fenômeno estudado.

8. FONTES CONSULTADAS

- Para a seleção das fontes, localizei membros de uma denominação evangélica com a referida narrativa de vida em diferentes bairros, realidades e histórias, observando sua relação com o tema e nível de exposição de sua história. Por fim, para a construção dos perfis, foram entrevistados as seguintes personagens:

1. Bruno - hoje com 41 anos, o rapaz começou a usar drogas por volta dos 13 anos e pouco depois se tornou traficante. Quando começou a usar crack, viu-se outra pessoa e assim esteve por seis anos, até que, movido por algo maior, Bruno decidiu mudar, rompendo todos os rótulos que colocavam sobre ele.
2. Sena - uma jovem de vinte e poucos anos que foi presa aos 18 anos de idade por tráfico de drogas, envolvida pelo namorado traficante. Na cadeia, a menina viveu os piores momentos de sua vida, onde até os profissionais que ali estavam a viam como alguém que dificilmente mudaria de vida. Ainda na prisão, algo muda a mente de Sena, que segue convicta a escrever sua própria história.
3. Daniel e Carol - o casal se conheceu na escola e, apaixonados e sem apoio dos pais, resolveram entrar no tráfico para construir sua própria casa. Depois de uma grande ascensão no tráfico, tentaram tornar-se cidadãos comuns, mas não conseguiam abandonar a vida que levavam.. Até que começaram a frequentar uma igreja e algo diferente aconteceu.

As personagens escolhidas foram capazes de comunicar variados contextos com diferentes perspectivas - de um homem, uma jovem mulher e um casal - acerca da realidade pesquisada, ampliando o panorama analisado.

- Fontes especialistas entrevistadas que ajudaram a compor a reportagem:
1. Selma Frossard - Bacharel e Mestre em Assistência Social pela UFRJ, especialista em Terceiro Setor e Políticas Sociais, foi assessora de uma comunidade terapêutica de confissão evangélica, com experiência no enfrentamento da dependência química e autora da pesquisa sobre processo de reinserção social de dependentes químicos.
 2. Celso Godoy - Especialista em antropologia social, com formação em dependência química e ressocialização, autor de artigos sobre apoio socioespiritual de apenados,

teólogo, pastor batista, capelão e coordenador do núcleo de atendimento psicossocial da 44ª Companhia da Polícia Militar em Medeiros Neto na Bahia.

3. Maria de Jesus Lopes de Oliveira - Psicóloga Especialista em Dependência Química

Ademais, também foram consultados levantamentos, pesquisas, dados e artigos que levam em consideração os fenômenos investigados tais como o Infopen (2015 e 2016), Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas e Fiocruz (2017).

9. SUPORTE ADOTADO

A pesquisa é abordada em livro-reportagem-perfil, que busca imergir o leitor na subjetividade das histórias e vivências dos perfilados. A produção jornalística neste formato permite que haja abordagem tanto técnica quanto subjetiva, respeitando os personagens abordados e dando voz e visibilidade para que contem suas experiências. Além de melhor adequar-se à proposta que exige profundidade, motivações pessoais também envolveram a escolha, já que é um suporte do qual tenho apreço e que ainda não havia produzido antes no curso de jornalismo.

Sérgio Vilas Boas, autor referência nos estudos sobre escrita de perfis, explica que esta abordagem se diferencia da biografia por “focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa”, sem minuciar todos os detalhes da história do personagem (2003, p.13). Segundo Sérgio, o perfil tem como objetivo provocar no leitor a sensação de estar no lugar do perfilado, compartilhando dos momentos retratados. Na produção de um perfil, o autor destaca que “a frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir” (2003, p. 14), destacando que é necessário envolvimento e imersão do jornalista para compreensão da história contada, diferente do jornalismo cotidiano.

10. PRODUÇÃO

Para a realização deste projeto, houve etapas que marcaram um preparo de pré-produção, realização de entrevistas, processo de escrita e estruturação do produto.

10.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Por se tratar de um tema sensível, busquei pesquisar, ler e assistir ainda mais conteúdos que me servissem de base para o que encontraria à frente ao entrevistar as fontes. Livros como *Dossel Sagrado* (1985), de Peter Berger, *Povo de Deus - quem são os evangélicos e por que eles importam* (2020), do antropólogo Juliano Spyer e *A Cruz e o Punhal* (2018), de David Wilkerson, famoso pregador americano mundialmente conhecido por desenvolver trabalhos sócio espirituais com jovens novaiorquinos em vulnerabilidade, estiveram em minha lista de leitura antes das realização das entrevistas.

Fiz questão de preparar uma pauta³ cautelosa, com perguntas que seguissem uma ordem cronológica dos fatos, de forma a compreender que história carregava a pessoa que estava diante de mim. Além disso, tive o cuidado de formular perguntas mais abertas e que não direcionasse as respostas dos perfilados, permitindo extrair além do que eu esperava ouvir. Ademais, fiz questão de perguntar aos perfilados sobre suas músicas ou frases favoritas e que lembram sua história, usando-as para ilustrar a abertura dos capítulos, de forma a expor no livro um pouco mais de suas subjetividades e identidades.

10.2 ENTREVISTAS

Em cada abordagem inicial com as personagens, expliquei um pouco qual era a proposta da minha pesquisa, desde o conceito de estigma aos objetivos, perguntando se a referida pessoa se identificava com o perfil que eu procurava. Para minha alegria, todas as quatro pessoas se identificaram de cara e aceitaram fazer parte. Quanto ao local de entrevista e foto, prezei por locais que fossem significativos e confortáveis para cada fonte, como a casa de Bruno, a igreja para Daniel e Carol, e a Avenida Beira-Mar para Sena.

³ Fontes e perguntas da pauta disponíveis no anexo ao fim do relatório.

Como indivíduos que estiveram em situação de vulnerabilidade e de rejeição social, refleti bastante eticamente sobre expor a identidade dos entrevistados e ponderei essa questão com cada um deles. Pensando em documentar suas próprias histórias, Bruno e Daniel colocaram-se inteiramente à disposição para serem fotografados ou para usar fotos antigas suas. Para eles, não havia problema algum quanto a exporem-se, já que falam isso abertamente e são vistos como referência de superação. Apesar de ser mais reservada, Carol também não mostrou nenhuma objeção e se dispôs a fornecer fotos suas também. No caso da fotografia que leva a imagem do interior da igreja, por ser uma propriedade privada, pedi autorização ao reverendo da capela para utilizá-la no livro.

Já no caso de Sena, a abordagem foi diferente. A moça fez questão de aceitar ser uma das personagens e contar tudo o que passou, mas preferiu que sua identidade fosse preservada, pois considera ter superado todo o trauma e rejeição, assumindo todos os dias a nova identidade social que criou. A escolha de seu nome se deu como uma homenagem a uma colega sua chamada Sena, que a ajudou bastante na cadeia durante seu processo de julgamento. Seguindo a deontologia jornalística, em todos os casos, portei comigo um termo de concessão de imagem para que todos assinassem, documentando com seus dados a autorização de usar fotos suas no livro - mesmo resguardando a identidade de Sena ao utilizar apenas fotos de detalhes que comunicam um pouco de sua personalidade.

Após as entrevistas dos perfilados, que duraram entre uma hora e meia a duas horas cada, transcrevi e decupei todo o material. Durante esse processo, já pude identificar pontos-chave em que especialistas poderiam discorrer. A respeito desta escolha de consultar especialistas para comporem falas ao decorrer do livro, esta não se deu sob a ideia de serem necessárias para “validarem” as experiências pessoais das fontes retratadas. Como jornalista, sempre defenderei a autenticidade das vivências individuais de cada ser humano, sejam quais forem elas. Entretanto, a escolha se deu como forma de atribuir também um caráter mais informativo ao livro e contribuir com a pesquisa do tema. Naturalmente, tive um pouco de dificuldade em conseguir algumas entrevistas com os especialistas devido às suas disponibilidades, mas tive o privilégio de encontrar bons profissionais espalhados pelo país que tinham experiência e estudos com o meu tema em específico. Entre e-mails respondidos e uma série de áudios recebidos, recebi uma grande quantidade de rico conteúdo sobre os ganchos deixados pelos perfilados. Assim, consegui falas que abarcam o âmbito da

Antropologia, Psicologia, Teologia, Assistência Social e âmbito evangélico, agregando ainda mais valor à pesquisa do fenômeno investigado.

10.3 ESCRITA

Após mergulhar na escuta de fortes histórias, foi um desafio pôr em palavras escritas as dores, traumas, emoções, alegrias e suspiros que ouvi dos entrevistados. De início, tive em mente expor todas as histórias em primeira pessoa, como se a própria personagem a narrasse no livro. Entretanto, sob recomendação de meu orientador, me permiti experimentar diferentes estilos de escritas e abordagens das personagens. Ao fim, esse exercício ajudou bastante a formular uma escrita que explorasse melhor o lado literário proposto pelo livro-reportagem, buscando promover uma melhor compreensão e envolvimento do leitor ao acrescentar impressões minhas sobre o momento da entrevista e, ainda assim, garantir espaço de voz para os perfilados ao trazer aspas imprescindíveis suas.

Como forma de melhor criar uma narrativa literária para cada perfilado, cada história foi dividida em duas partes, gerando seções de um *antes* e de um *depois* de cada personagem em relação ao momento de sua conversão e as mudanças que advieram da decisão. Com o objetivo de promover o caráter informativo no livro, como já dito, há intervenção no texto de cada um dos perfilados, intercalando com falas de fontes especialistas a respeito de temas levantados pelas personagens. Também explorei em caixas de textos algumas falas das personagens, de forma a dar maior ênfase a desabafos e experiências suas. As falas dos especialistas foram encaixadas nos ganchos deixados pelos perfilados, fornecendo, de forma mais aprofundada ao leitor, informações sobre o tema.

10.4 ESTRUTURA DO PRODUTO

O livro-reportagem perfil recebeu o título *Recuperáveis* em referência à constatação de tudo o que foi ouvido dos perfilados quanto às suas histórias de superação, contrariando a rejeição social, discriminação e rótulos impostos sobre eles. Como subtítulo, acrescentou-se *Histórias de superação de estigmas por meio da fé*, fazendo alusão à forma como as personagens se “recuperaram” das condições em que estiveram, além de ser intuitivo a respeito do que o leitor deverá encontrar sobre o conteúdo da obra.

A organização do conteúdo do livro se deu nos seguintes tópicos:

- Abertura / Créditos / Dedicatória/ Sumário
- Apresentação
- Inquietude (Introdução)
- Sob o luar da meia-noite
- Uma mulher forte
- Lado a lado
- Raia a esperança
- Uma nova mulher
- Nada mais como era antes
- O fim é o começo
- Agradecimentos
- Referências

11. PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico do livro foi elaborado por mim, a partir de escolhas visuais que ajudassem a comunicar a mensagem do livro, conforme indicam os tópicos abaixo.

11.1 FORMATO

Quanto às dimensões do livro digital, o projeto foi diagramado no formato A5, por ser a medida padrão e de bom custo/benefício, considerando a possibilidade de uma impressão do material. Quanto às margens, a medida adotada foi de 2 cm em todas, enquanto o espaçamento entre as linhas foi de 1,5 pt.

11.2 PROPOSTA VISUAL

De forma geral, para ilustrar o livro, a cor predominante escolhida foi o vermelho, comumente associada no design e nos estudos da Psicologia das Cores à ideia de paixão, poder e violência. Já quanto às fotografias, na tentativa de condizer com a profundidade e autenticidade das vivências relatadas, utilizou-se do efeito preto e branco, conhecido por valorizar a expressão do fotografado e chamar atenção do olhar ao conteúdo/ambiente retratado.

11.3 CAPA



Figura 1: Capa do livro produzido.

Seguindo a proposta citada anteriormente, produzi a capa do livro a partir de arquivos de fotografias minhas. Na capa, a imagem destaca um rapaz de mão erguida, como um símbolo de fé que dialoga com o subtítulo da obra. A fonte utilizada possui um efeito verticalizado que gera uma centralidade no olhar que, aliado ao tom em vermelho que contrasta com o preto e branco da imagem, gera um impacto no leitor quanto à ideia abordada ao longo do livro: “recuperação” de indivíduos por meio da fé. O título da obra foi escolhido como referência a tudo o que foi ouvido dos perfilados quanto ao tema. Na lombada, tem-se o título e subtítulo do livro, seguido do nome da autora. Já na contracapa, representa-se o espaço de membros de igreja em coletividade, fazendo referência ao ambiente retratado no livro, acompanhado de um texto com sinopse do livro.

11.4 TIPOGRAFIAS

Para a capa, a tipografia “Extenda 15 Nano” no título foi utilizada para trazer destaque visual e conceito à capa.

EXTENDA 15 NANO

No subtítulo e na contracapa, a fonte “Ruda Black” foi usada para dar elegância e robustez aos textos mencionados.

RUDA BLACK

Quanto ao corpo do texto, foi utilizada a fonte “Georgia”, no tamanho 11pt, trazendo leveza e legibilidade para a leitura.

Georgia

Já na abertura dos capítulos, usou-se da fonte “29 LT Makina Light”, transmitindo o efeito de uma máquina datilográfica, evocando a ideia de escritos de autores.

29 LT Makina Light

A tipografia usada nas caixas de textos que destacam aspas das personagens é a Arbustus Slab.

Arbustus Slab

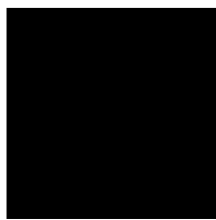
Aileron Heavy é a fonte usada nos dois gráficos que ilustram dados trazidos no livro.

Aileron Heavy

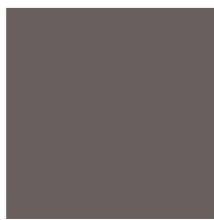
11.5 CORES

A paleta do projeto gráfico do livro conta as seguintes cores, baseadas no conceito preto e branco, além do vermelho, que transmite a ideia de violência e paixão, já explicado anteriormente:

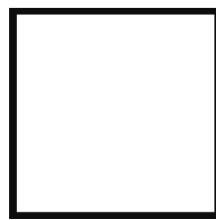
#000000



#695F5F



#FFFFFF



#A21A18



11.6 RECURSOS VISUAIS

Quanto aos elementos visuais do produto, como já dito, para a imersão no tema, o livro conta com fotografias de minha autoria, além de arquivos pessoais de alguns entrevistados, que projetam um caráter biográfico/documental no livro.

Além disso, gráficos de levantamentos de dados foram projetados conforme a identidade visual da obra, de forma a melhor comunicar as informações apuradas. Caixas de texto em tom de cinza e vermelho foram usadas para dar ênfase às aspas das personagens.

12. CUSTOS

Quanto aos materiais utilizados, prezei por fazer uso dos recursos que tinha, como usar o celular como gravador das entrevistas, a câmera que possuo para registrar as fotos, além de eu mesma realizar todo o processo de planejamento gráfico do produto. Por isso, o gasto considerável envolvido foi com o serviço de decupagem para o qual recorri - no caso de algumas entrevistas longas com especialistas - visto o curto período de tempo disponível para a produção.

RECURSO	CUSTO
Gravador	R\$ 0
Programas de escrita	R\$ 0
Fotografias	R\$ 0
Decupagem	R\$ 95
Diagramação	R\$ 0
Design	R\$ 0
Capa	R\$ 0

13. CRONOGRAMA

O planejamento de produção do presente projeto baseou-se no semestre 2022.2, que iniciou em 12 de agosto, com término em 13 de dezembro.

Agosto

Semana 1 - Formação de Pauta

Semana 2 - Contato inicial para entrevistas

Semana 3 - Entrevistas e fotos

Setembro

Semana 4 - Decupagem e Análise de material extraído

Semana 5 - Entrevistas e fotos

Semana 6 - Decupagem e Análise de material extraído

Semana 7 - Escrita inicial

Outubro

Semana 8 - Entrevistas e fotos

Semana 9 - Decupagem e Análise de material extraído

Semana 10 - Contato com especialistas sobre ganchos dos perfilados

Semana 11 - Escrita

Novembro

Semana 12 - Decupagem de especialistas

Semana 13 - Escrita

Semana 14 - Conclusão de escrita e detalhes finais

Semana 15 - Confeção de design gráfico

Semana 16 - Diagramação e Escrita de relatório técnico

Dezembro

Semana 17 - Disponibilização em plataforma online + Entrega do TCC

Semana 18 - Defesa do TCC

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto aos objetivos propostos inicialmente, estes foram alcançados: as histórias de vida foram comunicadas; explorou-se (por meio de especialistas e dos perfilados) sobre os potenciais da fé e da igreja evangélica na superação de estigmas, criação de novos vínculos e reinserção social e utilizou-se dos métodos de apuração e de produção do produto jornalístico em questão na tentativa de imergir o leitor na causa social retratada.

Ao entrevistar pessoas de variados contextos, pude observar diferentes panoramas de uma mesma realidade. Entre diferenças e semelhanças na vida de cada um, me surpreendi com as respostas dos entrevistados, que me aprofundaram em suas vivências mais ricas e complexas do que eu havia imaginado encontrar. Respeitando o limite de 150 mil caracteres proposto, explorei na obra composta por cerca de 90 mil caracteres aspectos que envolvem criminalidade, tráfico, uso de drogas, estigma, sistema carcerário, religião, igreja evangélica e ressocialização. Com isso, a pesquisa também pode servir como ponto de partida para trabalhos de outros pesquisadores das áreas, contribuindo com a construção do conhecimento científico. Em tempos de jornalismo rápido, o produto leva a refletir sobre o potencial da produção jornalística em profundidade.

Quanto ao processo de produção, fiz questão de fazer parte de todas as etapas, da produção à diagramação e ao planejamento gráfico, colocando em prática aprendizados que obtive no curso e também explorando outros recursos e alternativas aprendidas de modo geral. Quanto à fotografia, acrescentei no livro os créditos a um amigo que me auxiliou na escolha do equipamento e me deu suporte na realização de algumas fotos, como no caso de Bruno.

Pessoalmente, a produção deste livro-reportagem certamente foi meu maior desafio acadêmico, ainda mais dado o curto período de elaboração prática e por não ter sido em dupla. Outro ponto desafiador foi a sensibilidade do tema, pois envolvia também a questão da criminalidade em contraste ao meu desejo de saber mais à fundo sobre essa realidade tão distinta da minha. Em um misto de medo e preocupação junto com adrenalina e empolgação, pude exercer diferentes aprendizados que obtive ao longo do curso. Presenciei meus entrevistados chorarem ao me revelarem suas dores, assim como também seus olhos brilharem ao lembrar da superação que tiveram dos momentos difíceis.

Nessa linha, finalizo destacando um conselho da jornalista Eliane Brum (2006) - ao qual me apeguei durante o processo que vivi. Nele, Eliane destaca não lembrar de alguma reportagem que não lhe tivesse dado medo, fosse por receio de não dar certo ou de não conseguir, ressaltando o papel do jornalista: “Sinto medo até hoje (...) Medo é necessário, faz sentido. Só não dá para ter medo de ter medo, paralisar e deixar as histórias passarem sem encontrar quem as conte. (...) Se quiser um conselho, vá. Vá com medo, apesar do medo. Se atire”.

Seguindo o conselho de Brum, asseguro que fui à campo com muitas incertezas e medos, mas que foi uma experiência tão intensa quanto gratificante, pois ouvi, vi e vivi coisas que jamais teria outra oportunidade de presenciar de outra forma. Com a produção do livro-reportagem *Recuperáveis*, pude viver tudo isso e mais um pouco e espero contribuir na causa dessas pessoas de “vidas que ninguém vê”, mas que têm muita história pra contar. Como jornalista em formação, toda essa experiência do jornalismo humanizado me fez exercitar a empatia e refletir mais sobre a importância do jornalismo em profundidade. Assim, concluo que, certamente, não sou a mesma pessoa de quando comecei o projeto. As vivências que tive com este projeto e o exercício da empatia, da coragem, da escuta e da ética do ofício me fizeram mais humana e melhor jornalista.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

BERGER, Peter. **Dossel Sagrado**. Edições Paulinas. 1985.

BOHM, Thais. **Desconfiança e preconceito da sociedade dificultam ressocialização de presos**. Agência Senado, 26 Set 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/desconfianca-e-preconceito-da-sociedade-dificultam-ressocializacao-de-presos>.

BRAQUEHAIS, Ingrid Matela. **A Videira e os Ramos: Histórias de vida da Comunidade Cristã Videira**. Fortaleza, 2014.

BRUM, Eliane. **A Vida Que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Selma Frossard. **O processo de reinserção social do dependente químico após completar o ciclo de tratamento em uma comunidade terapêutica**. Serviço Social em Revista, Londrina, Volume 3, Número 2, Jan/Jun 2001, p. 215. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_processo.htm. Acesso em 12/08/2021, às 14h30.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. Inclusão de pessoas com deficiência: a responsabilidade social das igrejas. **Revista Caminhando**, São Paulo v.16, nº 2, p. 65-76, jul/dez 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/download/2766/2797> Acesso em 31/07/2021 às 11h

CRUZ, Nick; BUCKINGHAM, Jamie. **Foge, Nick, Foge!** 3ª Edição. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2008.

DE PAULA, Eliane Rodrigues dos Santos; LEONE, Haydée Santos; FELIX, Silvana Menezes Zaniboni. **Responsabilidade social da Igreja diante da dependência das drogas**. Discernindo - Revista Teológica Discente da Metodista, São Paulo, v.2, n.2, p. 109-125, jan. dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/discernindo/article/download/4750/4035> Acesso em 01/08/2021 às 13h

Dependência química é uma doença? Jornal de Brasília, 2021. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/saude/dependencia-quimica-e-uma-doenca/>

DUARTE, Jorge; DUARTE; BARROS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DMS Design. **Design gráfico: o significado das cores**. Dms Design, 01 abr 2018. Disponível em: <https://dmsdesign.com.br/design-grafico-o-significado-das-cores/>

Estudo da OMS considera dependência química um transtorno mental. Agência Brasil, 2004. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-03-18/estudo-da-oms-considera-dependencia-quimica-um-transtorno-mental>.

Exército da Salvação. Quem somos. Exército da Salvação, São Paulo. Disponível em: <https://www.exercitodoacoes.org.br/institucional/quem-somos>.

FILHO, Galdino. **História do Desafio Jovem no Brasil**. Teen Challenge - Brasil, 2017. Disponível em: <https://desafiojovemdobrasil.com.br/historia/>. Acesso em: 09 nov 2022.

FREITAS, Angélica Giovanella Marques. **A Influência da Religião na Ressocialização do Apenado**. 2015. 30 f. Curso de Ciências Jurídicas e Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 19 de junho de 2015. Disponível em: https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/angelica_freitas.pdf.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf.

Fundação Oswaldo Cruz. **III Levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GONÇALVES, ALICE. **A fé e a razão na construção da sociedade**. Central de Notícias Uninter, 29 set 2016. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/fe-razao-na-construcao-da-sociedade> acesso em 31/07/2021 as 14h.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana** (O. M. Cajado, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1995.

KRAPP, Juliana. **Pesquisa revela dados sobre o consumo de drogas no Brasil**. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 08 de Ago 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil>

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo**. Campinas: Unicamp, 1995.

Lomography. **A expressividade do Preto e Branco**. Lomography. Disponível em: <https://www.lomography.com/magazine/235957-a-expressividade-do-preto-e-branco>.

MACHADO, Igor Suzano; GOUVÊA, Gustavo Moulin. **De traficante a pastor: uma análise da conversão religiosa de traficantes do bairro da penha em Vitória (ES)**. Dilemas: Revista De Estudos De Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Jan/Abr (2022). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dilemas/a/L4DZbxVWwFfZJYPwzvs3cKp/?lang=pt#>.

MADEIRA, Vanessa. **Pesquisa revela as crenças religiosas dos cearenses**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 07 Nov 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/pesquisa-revela-as-crencas-religiosas-dos-cearense-s-1.2022910>

MARI JR. Sergio. **Entrevista em profundidade**. Infonauta, 2016. Disponível em: <<https://infonauta.com.br/pesquisa-em-comunicacao/entrevista-em-profundidade>>. Acesso em: 14 de mai. de 2022.

MENDONÇA, Antonio. G. **O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

Ministério da Cidadania. **Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/obid/observatorio-brasileiro-de-informacoes-sobre-drogas>. Acesso: 15/08/2021.

Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>. Acesso em 14/08/2021.

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: uma visão de psicólogos**. Estudos de Psicologia, Natal, 17 (3). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/?lang=pt>

Portal Guiame. **Amazonas: Presidiários buscam ‘mudar de vida’ por meio da fé**. Portal Guiame, 04 out 2021. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/amazonas-presidiarios-buscam-mudar-de-vida-por-meio-da-fe.html>.

POSSA, Terezinha; DURMAN, Solânia. **Processo de ressocialização de usuários de substâncias lícitas e ilícitas**. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.) v.3 n.1 Ribeirão Preto ago. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200006. Acesso em 01/08/2021

ROCHA, Paula; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. RuMoRes, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69434. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em: 8 maio. 2022.

RODRIGUES, Luciana Boiteux de Figueiredo. **Drogas e Cárcere: Repressão às drogas, aumento da população penitenciária brasileira e alternativas**. In: LEMOS, Clécio. et al. Drogas: Uma nova perspectiva. São Paulo: IBCCRIM, 2014.

Santos, Luis Felipe. **A Igreja Batista contra o vício**. Superinteressante, 9 set 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/a-igreja-batista-contr-o-vicio/>.

SELEÇÕES. **Exército de Salvação: entenda o que é e como ajudar**. Seleções, 05 Jul 2021. Disponível em: <https://www.selecoes.com.br/cultura-lazer/exercito-de-salvacao-entenda-o-que-e-e-como-ajudar/>

Spyer, Juliano. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo, 2ª edição, Geração Editorial, nov 2020.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, SP: Summus, 2003.

WILKERSON, David. **A Cruz e o Punhal**. 4ª Edição. Curitiba: Editora Betânia, 2018.

World Health Organization. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra, 2001.

ANEXO - FONTES E PERGUNTAS DA PAUTA

Roteiro de perguntas feitas aos perfilados (Bruno, Sena, Carol e Daniel):

1. Você poderia falar quem é você? Como você se define?
2. Fale um pouco da sua infância e do contexto de onde você veio.
3. Você se sente à vontade para falar sobre seu passado? Por quê?
4. Por que você adentrou nessa realidade de uso/tráfico de drogas? Como foi o primeiro contato?
5. Como você se sentia estando nesse meio? Te trazia prazer? Você tinha bons retornos financeiros?
6. Como era seu ciclo de amigos? Você criou vínculos fortes? Você se sentia pertencente àquele grupo? Qual era a sensação de fazer parte?
7. Em algum momento você se sentiu como alguém que estava à margem da sociedade por estar naquele contexto?
8. Você sentia que era tratado de forma diferente pela sociedade na época? Você tem lembrança de alguma situação específica?
9. Você chegou a ouvir frases ou rótulos das sociedade a respeito de você? Isso te afetava de alguma forma?
10. Havia algum tipo de lugar que você não podia frequentar ou algo que você seria impedido pelas pessoas de fazer devido àquela sua condição?
11. Você tinha algum hobby favorito ou esporte na época? E hoje, ainda pratica?
12. Qual foi a motivação para mudar o estilo de vida que você levava?
13. Como foi o momento em que você decidiu deixar o grupo social a que pertencia? Como seu antigo grupo reagiu à sua decisão?
14. Por que buscou uma igreja para esta mudança? Como você conheceu/escolheu a igreja? Como foi a sensação de estar em um ambiente diferente?
15. Você teve ajuda de outra instituição social ou de saúde?
16. Que fatores foram decisivos para que buscasse a mudança especificamente na fé cristã e apoio na igreja evangélica?
17. Como foi a reação e a relação com familiares e amigos quando souberam da sua decisão de mudança?
18. Qual foi a reação dos membros da igreja ao receber alguém com uma história como a sua? Houve algum clima de rejeição ou de estranhamento?

19. O que você esperava da igreja e que tipo de apoio ela te deu nesse processo? O que você mudaria na igreja?
20. Você teve recaídas? Como lidou com isso?
21. Em relação ao uso de drogas, como foi o processo de abandono? Você também procurou alguma ajuda médica?
22. Em relação ao tráfico de drogas, como foi o processo de saída desse meio? Que alternativas você buscou para suprir a parte financeira?
23. Você recebeu algum tipo de ajuda na questão financeira, trabalho ou formas de integrar você novamente à vida comum?
24. Como você encontrou força e motivação para a mudança de hábitos?
25. Como foi a adaptação à nova vida? O que mudou em você?
26. Qual é o seu grau de escolaridade? Entrar para a igreja te ajudou em algo em relação ao estudo?
27. Em que momento você percebeu que as pessoas se deram conta de que você estava determinado a mudar de vida? Houve diferença na forma de lhe tratar? Você lembra de algum momento específico?
28. Hoje, como você lida com as antigas relações e amizades do passado?
29. Você acha que faltam iniciativas do Estado ou da própria sociedade para com pessoas com a história de vida semelhantes à sua? Do que você sentiu ou sente falta? O que você mudaria socialmente?
30. Atualmente, como você enxerga as pessoas que vivem como você viveu?
31. A sociologia define *estigma* como uma marca que alguém carrega por estar numa situação considerada inaceitável socialmente. Como você lida com isso atualmente? Você considera que superou o estigma social que as pessoas te impuseram?
32. Você considera que construiu uma nova identidade ante à sociedade?
33. Se pudesse voltar no tempo, você mudaria alguma coisa na sua história? Por quê?
34. Como você explicaria o que é conversão?
35. Dados de 2015 do Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontam que 57% da população brasileira concorda com a frase “bandido bom é bandido morto”. O preconceito e rejeição social faz com que pessoas com esse tipo de histórico sejam vistas como “irrecuperáveis”. Você se considera uma pessoa recuperada? Se você pudesse dizer algo para a sociedade em relação a essa frase, o que diria?
36. De que forma você enxerga o papel social da igreja? Onde você acredita que estaria hoje se não fosse sua decisão de mudar?

37. O que você pensa sobre pessoas que acabam desistindo do processo e voltando à vida anterior? O que você acha que os impede?
38. Como é sua vida e rotina atualmente? Quais seus planos para o futuro? Como você se vê daqui alguns anos?
39. Você tem alguma pessoa ou personalidade que você tem como referência na vida?
40. Qual seu lugar favorito? Existe alguma frase, citação que te dá esperança ou música favorita ou que te faz lembrar sua história?
41. Você se sente confortável em revelar sua identidade e em ser fotografado?

Roteiro de perguntas para especialistas:

- Celso Godoy

Possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008). Tem experiência na área teológica, com ênfase em teologia da missão integral. Especialização de Dependência química pela Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Catarina, UNESP e USP, pós graduado em Dependência Química pela FACEL- Curitiba, em Docência Superior pela Cândido Mendes e em Antropologia Social pela Faculdade Alfa América de Praia Grande. Formação profissional em Antropologia pela Ucamprominas, Psicanálise em Dependência Química pelo Conselho Brasileiro de Psicanálise e Psicoterápicos. Curso de especialização em Dependência Química pela Universidade Federal de Santa Catarina- Estratégias Integradas de Atendimento a Usuários de Álcool e outras Drogas, Advocacy pela Aliança Crista Evangélica Brasileira e Curso de especialização CAPTANDO- Capacitação em Políticas nacionais sobre drogas, Pela UFSC e Pastor Batista.

1. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2015 apontam que 57% da população brasileira concorda com a frase “bandido bom é bandido morto”. O que você pensa a respeito dessa frase que reflete a série de estigmas sociais que esses indivíduos carregam? Que potencial a igreja evangélica pode ter ante esse público que vem de um contexto de rejeição social e desesperança?

2. Todos os entrevistados me apontaram que escolheram a igreja evangélica como ponto de apoio para sua mudança por sentirem-se acolhidos, valorizados e motivados - diferente do que sentiam pelo trato da sociedade. A moça que passou por situações humilhantes na cadeia, por

exemplo, me revelou que teve sua autoestima restaurada após entender que tinha valor para Deus. Na sua opinião e vivência, você seria capaz de apontar como esse acolhimento e “consciência” de Deus podem gerar efeitos - especialmente psicológicos - no indivíduo que busca ressocialização?

3. Um dos entrevistados me confessou acreditar que o Estado não tem tanto interesse em recuperar pessoas do tráfico por existir todo um sistema que lucra com isso - como os policiais que usam de extorsão com traficantes. Como missionário que busca estas pessoas estigmatizadas, para ele, o melhor investimento seria “no evangelho” e na igreja. O que você pensa sobre isso? Você acredita que falta alguma iniciativa do Estado quanto à causa dessas pessoas? Quais seriam as melhores alternativas para promover a recuperação social delas?

4. Ao converterem-se, a maioria dos entrevistados conseguiu emprego através de motivação e indicação de pessoas da igreja. Assim, reconstruíram suas vidas e passaram a assumir uma nova identidade ante a sociedade. Que importância existe em aliar o apoio espiritual ao apoio social na vida dessas pessoas? Como o ambiente de uma igreja evangélica poderia colaborar nisso? De que forma a espiritualidade pode cooperar com a reabilitação ou processo de mudança pessoal de um indivíduo?

5. Como pastor de uma igreja evangélica, como é o processo de receber na igreja pessoas com o histórico de uso/tráfico de drogas e ajudá-las com a construção de um novo estilo de vida?

6. Na sua percepção, por que essas pessoas buscam na fé uma mudança e procuram ajuda na igreja para isso, se existem outras instituições sociais?

7. Um livro com um testemunho de vida, uma música cristã e uma luz misteriosa foram elementos apresentados na narrativa dos entrevistados como “gatilhos” que os despertaram espiritualmente e os levaram à conversão. Nesse contexto, como você poderia explicar uma experiência religiosa? Como você poderia definir o que é conversão? O que muda socialmente, espiritualmente e psicologicamente?

8. No livro *Povo de Deus*, Juliano Spyer aponta que igrejas evangélicas, por serem numerosas, acabam levando para os moradores aquilo que não chega pelos serviços do

Estado. Como a igreja enxerga a questão da responsabilidade social e o trato com os mais vulneráveis? Qual é a cosmovisão cristã a respeito do tema?

9. Você acredita que a igreja evangélica tem estado preparada para receber esse público vulnerável socialmente? Como pastor dedicado a esta causa, que futuro social você prevê para o país ante ao cenário de crescente número de igrejas evangélicas?

10. Gostaria de declarar algo mais sobre o tema abordado nesta entrevista ou recomendar algo?

- Selma Frossard

Bacharel e Mestre em Assistência Social pela UFRJ, especialista em Terceiro setor e Políticas Sociais e autora da pesquisa sobre processo de reinserção social de dependentes químicos. Foi coordenadora geral do Ministério Evangélico Pró Vida (Meprovi), organização do terceiro setor que atua no tratamento da dependência química e na proteção dos direitos da criança de 6 a 14 anos.

1. Como você poderia definir o que é ressocialização? Como funciona esse processo na vida de um indivíduo marginalizado?
2. Você seria capaz de apontar causas que levam indivíduos a enveredar por este caminho da dependência química?
3. No livro *“Povo de Deus - quem são os evangélicos e por que eles importam”*, o antropólogo Juliano Spyer aponta que igrejas evangélicas, por serem numerosas, acabam levando, especialmente para comunidades periféricas, aquilo que não chega pelos serviços do Estado. Você acredita que a Igreja possui potencial de amenizar as problemáticas sociais? Qual sua opinião sobre o assunto?
4. A Organização Mundial da Saúde reconhece a dependência química não só como doença, mas como uma questão social, pois impacta o indivíduo nas dimensões biológica, psíquica e espiritual. Em que aspectos a igreja e a fé podem construir uma nova realidade para a reinserção social?
5. De que forma você acredita que estigmas sociais podem prejudicar indivíduos que buscam a construção de uma nova identidade?
6. Que aspectos levam indivíduos a terem recaídas na sua condição anterior?

7. De acordo com sua experiência, você identifica uma classe social, sexo e uma faixa etária mais recorrentes que outras nesse aspecto de dependência química (especialmente uso de drogas como maconha e crack)? Se sim, por que você acha que isso acontece mais com esse grupo específico?
8. Das duas mulheres que entrevistei, ambas adentram nesse meio de uso e tráfico influenciadas pelo companheiro. No caso de mulheres, você identifica características mais específicas? O processo/resultado de ressocialização é diferente?
9. Em sua experiência e estudos no assunto, seria possível apontar qual é a droga (ou tipo de droga) que pode ser considerada a mais destrutiva ou mais recorrente? Por quê?
10. Você seria capaz de apontar diferenças entre pessoas que buscam apoio em centros de reabilitações sociais ou de saúde das que buscam a mudança a partir da religião ou da igreja? Quais eficácias ou deficiências existem no processo ou nos efeitos/resultados promovidos pelos dois?
11. Que efeitos a fé pode gerar em um indivíduo que vem de um contexto de dependência química, rejeição social, desesperança, etc?
12. Na sua opinião, por que esses indivíduos escolhem igrejas evangélicas para reconstruírem suas vidas?
13. Percebi que, na história dos entrevistados, a maioria dos pais não os acompanhou ativamente na infância. Você acredita que isso possa ter influência para o consumo de drogas?
14. Após os acontecimentos, os familiares sofreram pela situação, enquanto outros rompiam vínculos ou tinham medo de serem influenciados. Qual é ou qual deveria ser a postura dos familiares ante ao processo de recuperação?
15. Como assistente social, de que forma você avalia o atual cenário brasileiro de atuação das igrejas evangélicas - que têm crescido no país - na recuperação de grupos marginalizados pela sociedade? Como você enxerga esse fenômeno?
16. Dados de 2015 do Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontam que 57% da população brasileira concorda com a frase “bandido bom é bandido morto”. Como você enxerga esse fato diante do tema de superação de estigmas/ressocialização?
17. Um dos entrevistados me confessou acreditar que o Estado não tem tanto interesse em recuperar pessoas do tráfico por lucrar com isso - como os policiais que aliam-se aos traficantes. Segundo a fonte, “o melhor investimento seria no evangelho”. Você acredita que falta alguma iniciativa do Estado quanto à causa dessas pessoas? Qual seria?

18. Possui algo mais a declarar sobre o tema ou a recomendar?

- Maria de Jesus Lopes de Oliveira

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará(1993), especialista em Filosofia Lógica e Linguagem pela Universidade Federal do Ceará(1995), em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(2003) e em Dependência Química.

1. No geral, que efeitos a fé e a religião podem gerar em um indivíduo, psicologicamente? Que efeitos da fé em si você pode apontar sobre um indivíduo que vem de um contexto de dependência química, rejeição social, desesperança?

2. Percebi pontos comuns em meus entrevistados: praticamente sem recaídas, todos largaram a droga com um posicionamento determinado por estarem encorajados pela fé. Com o tempo, nem mesmo o cheiro da droga ou tê-la em mãos os tentavam mais. Pelo contrário, brigas de gangues, drogas e tráfico passaram a reproduzir tristeza em seu coração após a conversão. O que poderia explicar isso? De que forma a espiritualidade pode cooperar com a reabilitação ou processo de mudança pessoal de um indivíduo?

3. Psicologicamente e socialmente, você seria capaz de apontar diferenças entre um indivíduo que vem desse contexto de uso e tráfico que busca ajuda se apoiando na fé e em alguma instituição religiosa como a igreja, de outra pessoa que vem do mesmo contexto de rejeição social mas que não professa nenhuma fé?



PRISCILA NASCIMENTO

RECUPERÁVEIS

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE
ESTIGMAS POR MEIO DA FÉ

PRISCILA NASCIMENTO

RECUPERÁVEIS

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE
ESTIGMAS POR MEIO DA FÉ

Recuperáveis - Histórias de superação de estigmas por meio da fé

Produção

Projeto gráfico

Diagramação

Priscila da Silva Nascimento

Fotografia

Priscila da Silva Nascimento

Diego de Oliveira Souza

Apresentação

Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N197r Nascimento, Priscila da Silva.
Recuperáveis - Histórias de superação de estigmas por meio da fé / Priscila da Silva Nascimento. – 2022.
130 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas.

1. Tráfico de drogas. 2. Estigma. 3. Igreja Evangélica. 4. Religião. 5. Livro-reportagem. I. Título.

CDD 070.4

*Jornalismo é a arte de
sintonizar o mundo às
pessoas.*

Williane Silva

*A todos que tiveram a ousadia
de reescreverem suas próprias
histórias.*

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Inquietude (Introdução).....	17
Sob o luar da meia-noite.....	29
Uma mulher forte.....	41
Lado a lado.....	55
Uma luz de esperança.....	69
Uma nova mulher.....	83
Nada mais como era antes.....	97
O fim é o começo.....	111
Agradecimentos.....	119
Referências.....	123

APRESENTAÇÃO

Na metade dos anos 1990 (1995, mais precisamente), um polêmico filme chamou a atenção de muita gente nas salas de cinemas: *Kids*. Dirigido por Larry Clark, o filme mostrava, sob a forma estilística de um documentário, a história de um dia na vida de jovens adolescentes, regado a muito skate, hip-hop, álcool, sexo e drogas (maconha, *ecstasy*, óxido nítrico...), tendo estupros, bebedeiras e AIDS como consequências inevitáveis na vida de jovens nova-iorquinos sem perspectiva de futuro. O filme enfureceu vários pais e mães logo após o seu lançamento, por tocar em temas considerados tabu até hoje, quanto mais nos anos 1990, quando a Internet ainda engatinhava e um universo novinho de gêneros digitais, dos *nudes* às *fake news*, ainda não fazia parte de nosso cotidiano. Por outro lado, e meio que a contragosto, *Kids* obrigou alguns pais e mães a conversarem com os próprios filhos sobre esses mesmos temas (como se não conversar sobre esses temas fizesse com que eles “desaparecessem” da vida de suas crias).

Estamos nos encaminhando para a metade dos anos 2020: o skate virou modalidade olímpica; o hip hop (o

americano, pelo menos) faz parte do *mainstream* musical; o álcool continua ilícito, mas aceito socialmente (indica de maturidade a poder, acreditam alguns...); o sexo ganhou novas camadas de discussão; e as drogas se “sofisticaram”: se a maconha “fazia a cabeça” e o cigarro indicava masculinidade (ou o *woman power*, se ele era dirigido ao público feminino, ao menos num passado não tão distante), atualmente o crack é terrivelmente viciante e mortal, enquanto o vape (“menos perigoso do que o cigarro convencional por não ter nicotina”, dizem aqueles que o propagandeiam...) virou a nova preocupação de alguns pais e mães de filhos que têm dinheiro para manter o novo hábito (e é que nem estamos falando da medicamentação da nossa sociedade, para a qual atualmente tudo é doença: se a pessoa está contente, ela certamente deve estar doente; e, se ela não está contente, certamente ela deve estar doente também...).

No meio disso tudo, existe, de um lado, a ausência de políticas públicas. Parece inadmissível que uma cidade como São Paulo (dita “a maior e mais importante cidade do Brasil”) abrigue, nos arredores do seu centro, a Cracolândia, uma espécie de *The Walking Dead* não ficcional. De outro lado, há a ausência de uma discussão científica, mais séria e menos passional, que chega a fazer com que certas medicações não possam ser usadas no Brasil por estarem “ligadas” às drogas ou cujas pesquisas ainda sejam muito embrionárias (como o uso

medicinal da *Cannabis sativa*, que ocorre, no Brasil, desde cerca de 5 anos atrás).

E, em meio a tudo isso, temos pessoas que, por diferentes motivos, encontram as drogas no seu caminho. Pessoas desavisadas sobre os efeitos das drogas. Pessoas que não sabem reconhecer, nas pontas dos dedos queimados de uma pessoa, um potencial usuário de crack. Pessoas que podem confundir um comprimido de ecstasy com uma bala sabor de frutas. Pessoas que entram numa jornada na qual nunca quiseram entrar.

Por isso, o trabalho *Recuperáveis*, apresentado pela Priscila Nascimento e que você tem em mãos agora, se mostra extremamente importante. Ela busca mostrar que existem saídas para pessoas que nunca quiseram embarcar nessa jornada; ou que entraram nela espontaneamente, mas depois se arrependeram dessa decisão, e que, em qualquer dos casos, elas podem ter uma forma de apoio para o início de uma nova jornada (no caso deste trabalho, através do suporte das igrejas evangélicas). O bom é que a Priscila conseguiu (com o jeito manso dela...) a proeza de fazer as pessoas se abrirem para falar de um tema ainda tabu para muitos, mesmo depois que elas abandonam essa vida (por conta de uma série de motivos, da vergonha ao risco em relação à própria segurança pessoal e/ou dos próprios familiares).

Bem, a Priscila perguntou para seus entrevistados sobre como entraram e como saíram dessa vida, e como a igreja evangélica ajudou nesse processo. Eles responderam; agora, você pode começar a ler para saber o que essas pessoas disseram em relação a esse novo momento nas vidas delas.

Vidas recuperadas.

Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Jornalista, professor dos cursos de Jornalismo e de
Pós-Graduação em Comunicação da UFC,
orientador da Priscila Nascimento neste TCC.

Você liga a tv.
Não se entristece mais com
o que vê.
Está em todos os jornais,
Mas você, indiferente, nada
faz

Como se acostumar
Com a dor e a miséria sem
se comover?
Como admitir viver pra si e
dizer:
"Não tenho tempo pra mais
nada?"

- Lorena Chaves, 2013



INQUIETUDE

Naquela madrugada, Bruno entrava mato à dentro com muita droga em mãos. Estava em seu lugar favorito, longe de tudo e de todos, onde ninguém poderia achá-lo ou julgá-lo por suas condutas. Palavras ouvidas momentos antes ressoavam na mente do rapaz que estava prestes a fazer uso da substância, quando algo entre as árvores que balançavam sob o vento gelado da noite chamou sua atenção. Após avistar algo inexplicável, tudo foi diferente na vida de Bruno.

Sena sempre fora uma filha amada e seus pais sempre esforçaram-se para dar um bom futuro para a menina. Porém, más decisões da garota a levaram a um lugar escuro e solitário, submetida a conviver com pessoas das quais nunca tinha visto antes. Ali, Sena viveu situações das quais jamais esquecerá e sentiu-se socialmente marcada pela sua condição para sempre. Até que um dia, alguém apresentou-lhe algo que mudou sua mente por completo.

Dinheiro, poder, fama e reconhecimento. Daniel e Carol ascenderam no tráfico e tinham tudo que alguém poderia

querer. Porém, tanto a fama como os sofrimentos de estarem à margem da sociedade nunca estiveram nos planos do casal. Quando tentavam mudar, não conseguiam largar tudo o que tanto o prendiam para, então, refazerem suas vidas ante a sociedade. Até que, em uma manhã de domingo, algo incomum aconteceu e a história do casal nunca mais foi a mesma.



Aprendi no jornalismo que quando se tem algo a comunicar com profundidade sobre assuntos que não têm tanto espaço na mídia tradicional, o livro-reportagem se mostra uma boa oportunidade para o jornalista que carrega sobre si o anseio de mostrar algo ao mundo.

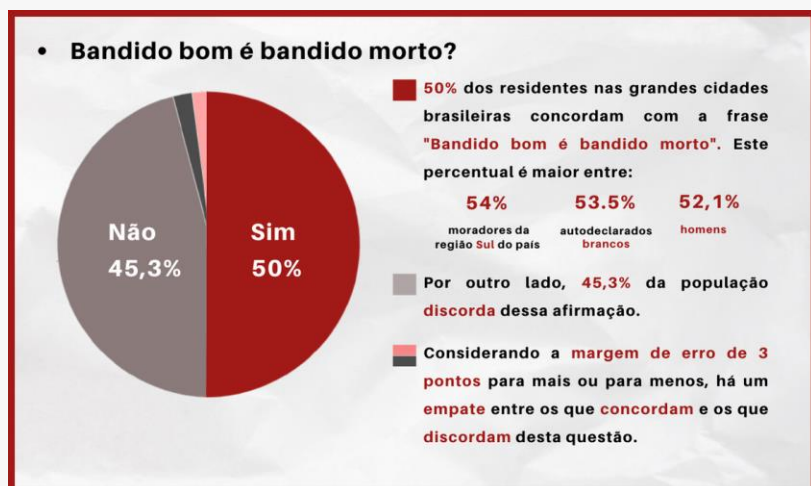
Como residente de um bairro periférico, observar o crescente número de pessoas que estiveram à margem da sociedade pelo contexto de uso e tráfico de drogas e que criaram uma nova identidade social por meio da fé cristã e da igreja evangélica, foi a inquietação que motivou a origem desta pesquisa.

Bruno, Sena, Carol e Daniel são exemplos disso. Por muito tempo, carregaram sobre si aquilo que a sociedade impunha sobre eles. Entretanto, tiveram a ousadia de romper com todo estigma e escreverem suas próprias histórias.

No contexto desta pesquisa, fazem-se necessárias algumas elucidações sobre o assunto. Primeiramente, o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) indica que, em relação à distribuição dos crimes no sistema federal entre 2015 e 2016, o tráfico de drogas comportou 30% dos registros. Acrescentando-se a isso, o mais completo levantamento sobre drogas já realizado no Brasil, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz em 2015, apontou que 4,9 milhões de pessoas fizeram uso de substâncias ilícitas no ano da pesquisa. As recorrências são maiores entre homens e jovens.

Nesse sentido, é importante destacar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a dependência química não só como doença, mas como uma questão social, pois impacta o indivíduo nas dimensões biológica, psíquica e espiritual. Sendo assim, os ciclos de tratamento não dependem apenas do âmbito fisiológico e, por isso, conforme aponta o *Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas* do Ministério da Cidadania, se faz necessário o apoio assistencial que compreenda a autoestima, autonomia e estímulo à transformação pessoal para a reinserção social, do contrário, as recaídas são mais prováveis.

Além do esforço para a própria mudança pessoal, grupos de usuários e traficantes de drogas ainda têm outro problema a enfrentar: o preconceito da sociedade que os levam à marginalização. Como exemplo dessa rejeição social, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, aborda que 50% da população brasileira em 2015 concordava com a frase “bandido bom é bandido morto”, conforme mostra o gráfico:



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública - 2015

Já no Anuário de 2016, a pesquisa expõe que o mesmo índice aumentou para 57%. A partir desses dados, é possível inferir logicamente que o medo e a discriminação enraizados na sociedade refletem estigmas nos grupos marginalizados, além de baixas perspectivas de reinclusão, colaborando na reincidência criminal ou recaídas nas drogas.

Tratando-se de estigma, é válido resgatar a origem do termo. No período da Grécia Antiga, a palavra era usada para sinalizar as marcas feitas em criminosos e escravos da época, para identificá-los corporalmente pelo que eram ou pelo que haviam feito. Séculos passaram-se e hoje o termo estigma pode ser definido, conforme o sociólogo canadense Erving Goffman descreve, como a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena por possuir características diferentes daquilo que se é previsto, interferindo na construção de sua identidade social.

Segundo Robert Castel (2008), sociólogo francês, ao carregar a marca da rejeição social, estes indivíduos têm a sensação de não pertencimento e ficam à margem da sociedade. Para Selma Frossard, assistente social autora de pesquisas sobre reinserção social, o conceito de marginalização surge “a partir da ideia de uma sociedade que funciona perfeitamente e os indivíduos que não se adequam em seus papéis e funções ficam à margem dessa sociedade”, explica Selma sobre a concepção funcionalista do termo.

A realidade aqui apresentada aponta para a importância do incentivo às iniciativas e métodos de combate à marginalização desses grupos. Apesar deste dever ser do Estado, a cultura, a música, o esporte e a religião são

socialmente apontados como alternativas para a superação dessa condição.

Quanto à igreja cristã e seu papel social, ao analisarem-se as raízes judaico-cristãs, observa-se que a ideia de atenção aos marginalizados aparece como um mandamento para os cristãos. Está no imaginário de todos os registros da Bíblia Sagrada sobre Jesus Cristo, onde, durante o século I na região da Galileia, em Israel, o líder chegava-se com compaixão às pessoas desprezadas pela sociedade da época, como leprosos, prostitutas, publicanos, mulheres, pessoas com deficiência e afins, mudando suas condições de vida e deixando o legado sobre visibilidade aos mais vulneráveis e marginalizados.

Seguindo esta linha, a Reforma Protestante, ocorrida no século XVI, deu uma contribuição adicional na área social, em que os reformadores Lutero e Calvino deram ênfase à responsabilidade social da igreja. Desde então, pôde ser visto ao longo da história diversos registros de ações sociais voltadas aos grupos marginalizados, como as da Igreja Metodista em 1865, através do movimento Exército de Salvação - liderado por William Booth, em Londres - e que hoje tornou-se uma das maiores organizações internacionais de apoio a crianças em situação de risco, idosos, pessoas que buscam qualificação para reinserção no mercado de trabalho e entre outros.

gangues violentas e jovens usuários de drogas. Entre guetos e vielas, Wilkerson anunciava esperança aos jovens, oferecendo-lhes outra oportunidade de vida. Assim, surgiu o *Desafio Jovem*, organização religiosa presente em 110 países, que busca ajudar jovens dependentes de drogas, orientando sua recuperação e reinserção social.

Contextualizando a realidade das igrejas do segmento cristão-evangélico atual, no qual esta reportagem se concentra, dados mostram a sua crescente presença nas cidades metropolitanas. Segundo pesquisa realizada em 2018 pelo Instituto Opnus, o número de católicos no interior do Ceará supera 70%, enquanto na capital esse valor chega apenas a 54%, dando lugar ao segmento evangélico nos grandes centros urbanos.

Em sua obra *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*, o antropólogo Julianio Spyer aponta que o fato de as igrejas evangélicas serem muito mais numerosas na periferia do que o catolicismo, estas acabam levando aos cidadãos aquilo que não chega pelos serviços do Estado. Oportunidade para ex-criminosos e dependentes químicos refazerem suas vidas são alguns dos exemplos citados por Spyer de como a igreja evangélica pode servir como uma "porta de saída" para outra alternativa de vida.

A realidade dos altos índices de uso e tráfico de drogas no país e as consequências sociais para os envolvidos são uma realidade bem explícita. Entretanto, pouco se investiga sobre a atuação social de igrejas evangélicas neste contexto e tampouco se conhecem as histórias e as subjetividades das pessoas que existem por trás dos números e estatísticas citados.

As narrativas de vida tecidas no presente livro trazem uma bagagem de diferentes vivências com o estigma social pela realidade do uso e do tráfico de drogas em Fortaleza. Nesta reportagem, estas pessoas - que um dia viram-se invisíveis e com suas vozes silenciadas - encontram, finalmente, uma oportunidade de comunicar ao mundo um pouco daquilo que viveram.

E conhecereis a verdade e a
verdade vos libertará.

— João 8:32



SOB O LUAR DA MEIA-NOITE

***E**u identifico muito minha história com a do apóstolo Paulo, contada na Bíblia. Paulo era uma pessoa carrasca que perseguia e açoitava os cristãos. Quando ele mudou de vida e pregou pela primeira vez, em Damasco, os judeus não acreditaram. É uma referência pra mim. Da mesma forma que não acreditaram na mudança de Paulo, foi comigo. Me discriminavam e diziam que eu era uma mentira. Mas eu provei que não era.*



Era uma quinta-feira, quando entrei em contato com Bruno a respeito deste projeto. Ele se identificou com a proposta e se colocou inteiramente à disposição, então, logo marcamos uma entrevista para o sábado.

Enfim, é chegado o dia. No caminho, atravessando a ponte sobre o Rio Cocó, avisto da janela do ônibus as belezas da Sabiaguaba. O horizonte do encontro do rio com o mar, a grandeza do monte e o convidativo novo complexo gastronômico recém-inaugurado enfeitam o caminho. O frio na

barriga prenuncia a aventura e a seriedade de mergulhar na profundidade da história de alguém. Desço do ônibus e, com a ajuda de um amigo da região, sou guiada pelas ruas e vielas do bairro Caça e Pesca até a casa de Bruno.

Em sua residência simples e aconchegante, puxamos cadeiras para o corredor ventilado pela brisa que vem do mar e conversamos por uma hora e meia. Bruno é um rapaz de 41 anos, casado há dois anos e dedicado pai de família.

Percebo que Bruno vivencia hoje momentos felizes e tranquilos de um futuro que ele mesmo construiu. Mas, à medida que me relata sua história, reconheço que nem sempre foi assim. Pego minha pauta, preparo caneta e papel e disponho-me a ouvi-lo.

Indago quem é o Bruno e o rapaz me introduz que hoje ele é alguém totalmente diferente do que era antes e que se sente como alguém transformado da vida que teve. Pousando sua Bíblia sob a cadeira ao lado, o rapaz me confessa que se alguém lhe perguntasse tempos atrás quem era o Bruno, talvez nem soubesse o que responder, pela vida que levava no tráfico e nas drogas.

Bruno fora uma criança que adorava soltar raia e jogar bila, sempre andando com os meninos mais velhos. Aos 13 anos, em 1997, o tráfico de drogas era o que prevalecia no bairro

Varjota, onde nasceu e cresceu - mais especificamente no Beco dos Carás. Como um bairro rodeado de prédios, bares e restaurantes, uma burguesia muito alta frequentava a região, procurando por drogas - principalmente na rua São Paulo, que era o local mais visto pela polícia, conforme me pontua o rapaz.

A essa altura, os familiares de Bruno, em especial o tio, já estavam envolvidos com o tráfico de drogas. Com receio dos filhos serem influenciados, sua mãe os levou para morar em outra casa, mas ele conta que “não teve jeito”. No meio da rua onde havia crescido, existia uma cacimba, onde os usuários ficavam. Quando terminavam de fumar a maconha, restava um pedacinho, que o rapaz me nomeia como “cuxia”, que era jogado no chão ou colocado em buracos de tijolos. Movido pela curiosidade, aos 13 anos de idade, Bruno colheu todas as cuxias, abriu, fez um cigarro e fumou. Foi a primeira vez que teve contato com uma substância ilícita. Tudo isso sem seus tios e familiares saberem. Eles não queriam que o menino trilhasse esse caminho.

Pela influência de começar a fumar, o jovem começou a notar que muitos ganhavam dinheiro com a droga e pensava que poderia ser algo bom. Na época, não existiam organizações criminosas para a comercialização das drogas. Quem quisesse vender, bastava falar com o fornecedor. Então, aos 15 anos e estudando em uma escola particular, o rapaz pediu permissão

ao traficante. Ele confiou em Bruno e o menino entrou no tráfico. Simples assim.

De início, Bruno usava apenas maconha. Com o tempo, acabou fazendo uso e venda de outros entorpecentes, como rivotril, rohypnol e “aranha” - medicamentos que agem no sistema nervoso central e alteram temporariamente os sentidos. O que se passava na mente do rapaz era a ideia de querer ser como os outros mercantes, pelas referências que tinha. Naquele tempo, os traficantes eram considerados e temidos, não permitiam assaltos na região e nem que outros fumassem perto das casas.

Em entrevista à Selma Frossard, Assistente Social com mestrado na área pela UFRJ e experiente no enfrentamento da dependência química, interroguei acerca dos tipos de droga e seus usuários mais recorrentes.

Em sua experiência, Frossard considera que, no geral, não existe uma classe social mais recorrente no uso de drogas. Entretanto, aponta que a principal diferença são os tipos mais recorrentes em cada classe: enquanto o pobre utiliza entorpecentes mais baratos como a maconha e o crack, o rico costuma partir da cocaína, indo até à heroína ou ao ecstasy.

O 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, divulgado em 2017 pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a maconha é a droga ilícita mais consumida no país. Os dados apontam que cerca de 7,7% da população entre 12 e 65 anos já usou a droga pelo menos uma vez na vida. Já quanto à cocaína, a porcentagem fica em torno de 3,1% dos brasileiros que já fizeram uso alguma vez. Ao todo, estima-se que cerca de 3,2% de todos os brasileiros consumiram alguma substância ilegal em usos habituais.

Já quanto à faixa etária, Selma aponta que, atualmente, crianças têm se tornado usuárias de drogas. Entre os oito e 11 anos, a cocaína, o crack e a maconha já fazem parte da vida de pré-adolescentes, que chegam à idade dos vinte anos dependentes e fragilizados, refletindo em problemáticas sociais.

Uma relação complexa existia entre a população e os traficantes que, ao mesmo tempo que eram temidos, também eram discriminados. “Em uma pessoa drogada não se pode confiar”, era o que se dizia sobre os que usavam psicotrópicos. Já a clientela burguesa, composta por advogados e empresários, discriminava e tinha medo quando via nas ruas, ao mesmo tempo que também ligava e pedia que entregassem droga no prédio.

“

“Pau que nasce torto nunca se endireita”. Era o que sempre diziam para mim. Se eu era daquele jeito, morreria daquele jeito. Até se quisesse conseguir emprego era difícil, porque as pessoas sabiam com o quê você já tinha se envolvido e não viam com bons olhos.

Aos 16 anos, o jovem teve sua primeira filha. Aos 17, não quis ir mais para a escola. Aos 18 anos, em 1999, começou a chegar o crack e Bruno foi um dos primeiros a vender a pedra na Varjota. Ganhou muito dinheiro na época e teve várias motos. Entretanto, quando o rapaz experimentou o crack e passou a usá-lo, tornou-se outra pessoa. Bruno passou seis anos de sua vida “verdadeiramente escravizado pelo poder da droga”, como ele mesmo me descreve.

Mesmo tendo pais que lhe dessem suporte, Bruno preferia viver nas ruas em meio às drogas a ficar em casa. Sua mãe sempre chorava e procurava por ele pelas ruas durante a noite. Dona Maria das Graças sempre ouvia das pessoas que, a qualquer momento, seu querido filho poderia amanhecer morto ou preso. Consciente de sua condição, o coração do rapaz se

angustiava, mas não tinha forças para sair daquilo tudo. Essa era a realidade de Bruno. Alguém que não aguentava mais chegar na casa da família e encontrá-los assustados e escondendo as coisas com medo de serem levadas.

Certa vez, a polícia entrou em sua casa para revistar. Sem encontrar nada, os agentes batiam na mesa da sala de jantar, justamente onde uma arma era guardada por baixo, segurada por fitas. Aterrorizado, Bruno olhava fixamente para a mesa: a cada batida, o revólver balançava e quase caía. Seu corpo estava paralisado de medo. Não tinha medo da vida do crime, mas tinha medo das consequências dela. Sem nada a confiscar, os policiais foram embora e o rapaz pôde respirar aliviado. Depois de tantas situações, sua alma começou a cansar de tudo aquilo e pensava em mudar de vida, por sua mãe e por suas filhas – a essa altura, já era pai de duas belas meninas.

No bairro da Varjota existia uma antiga praça, por onde passava o Riacho Maceió; um córrego que se origina no bairro Papicu e que deságua na orla da cidade. Bruno tinha dois melhores amigos que lhe eram parceiros - na vida e nas drogas. No meio da floresta do riacho, os rapazes acomodavam-se rotineiramente para usar droga. Como se fossem *Os Três Mosqueteiros*, cada um dos rapazes portava um facão para desbravar a floresta do ribeiro. Lá, os jovens limpavam a selva e armavam uma barraca, onde usavam drogas.

Em um rotineiro dia, em 2014, Bruno estava no Riacho com os amigos, como de costume, quando alguém diferente interrompeu a cena. Era um homem simples, chamado Nazareno, membro da igreja evangélica. De forma singela, o homem entregou um folheto evangelístico a cada um dos rapazes e disse “Jesus ama vocês e oferece uma nova vida a cada um”. Dito isso, Nazareno seguiu seu caminho até ser perdido de vista pelos rapazes. Os amigos de Bruno não deram muito crédito ao acontecido. Mas Bruno deu. O rapaz nunca fora de acreditar muito em Deus, mas algo em seu interior incomodou-lhe.

Aquelas simples palavras de Nazareno ficaram ressoando na cabeça de Bruno. Naquele mesmo dia, quando deu meia-noite, o jovem foi mata adentro, em um local que costumava ir para ficar sozinho, onde ninguém era capaz de achá-lo. No seu esconderijo, Bruno estava com seu facão e com bastante droga em mãos. O rapaz ainda sentia em si um incômodo e preparava-se para fazer uso da substância quando, de repente, na imensidão da floresta iluminada apenas pela lua, raiou uma misteriosa e intrigante luz que chamou a atenção de Bruno.

É aqui que a fé começa - no
deserto, quando você está
sozinho e com medo, quando as
coisas não fazem sentido.

- Elizabeth Elliot



UMA MULHER FORTE

Na recepção da delegacia, Sena avistou sua mãe chorando e desesperada. Como uma forma de mostrar o que estava fazendo com sua própria família, o policial fez questão de dizer à jovem que aquela que tanto a cuidou estava ali há mais de duas horas em prantos. Quando sua mãe a avistou, logo correu para abraçá-la, enquanto se perguntava o porquê daquilo tudo estar acontecendo, sendo ela a filha que recebeu tanto conselho em casa. Algemada, Sena não podia abraçá-la.



Enquanto idealizava este projeto, a história de Sena me veio à mente, mas não imaginava que aceitaria fazer parte dele, por saber que seu passado, justamente por ter sido superado há quase dez anos atrás, causa-lhe desconforto ao lembrá-lo. Para minha surpresa, a vi emocionada e em arrepios quando falei-lhe sobre esta proposta, tanto que lhe tocou. Na certeza de que Sena reviveria um pouco de seu próprio sofrimento, reconheci nela uma mulher mais forte do que eu imaginava ao vê-la disposta a sacrificar-se por uma causa que lhe gera entusiasmo e esperança.

Marcamos a entrevista. Em uma ensolarada tarde de sábado, antes de começarmos, Sena pede um minuto e faz uma oração, pedindo a Deus que abençoe este momento. Uma mulher de fé. Não reconheço Sena por seu passado e percebo que estou prestes a mergulhar na história pouco contada da mulher simpática de olhar brando e de sorriso largo.

Diferente do que ouvi de outros entrevistados, Sena viera de um contexto diferente. Tivera uma infância tranquila e recebera sempre muito amor e afeto em casa, apesar das lembranças que carregava do alcoolismo de seu pai que, mesmo assim, considera que sempre fora um bom pai de família. Não havia um contexto social gritante que explicasse aquele caminho que a menina viera a trilhar.

Tudo começou por conta de relacionamentos. Sena morava em um bairro periférico da regional cinco de Fortaleza, quando teve seu primeiro relacionamento sério, aos 13 anos. O rapaz usava drogas. Os pais da jovem não aprovavam o relacionamento e logo terminaram, antes que Sena acabasse envolvida com aquilo. Esse fora seu primeiro contato com uma realidade que até então lhe era desconhecida.

Ao completar 14 anos, os pais de Sena, preocupados com seu futuro, apoiaram a jovem a mudar-se para morar com uma

tia, que residia em um prédio da zona nobre da cidade. Lá, Sena iria terminar o ensino médio, fazer um curso e, quem sabe, encontrar uma pessoa interessante que fosse do agrado de sua família. Esse era o plano.

Mas as cenas que a jovem moça presenciara em seu antigo bairro não lhe foram apagadas da mente e Sena acabou gerando curiosidade sobre as drogas. Foi em uma saída com uma colega da escola à praia que Sena fez uso da maconha pela primeira vez. A menina ficou assustada e sentia como se o efeito nunca fosse acabar. Sena foi pra casa, comeu e dormiu, mas estava transtornada pelos efeitos. Depois disso, apesar do transtorno, a garota meio que gostou e passou a consumir outras vezes. Usar a droga foi uma escolha de Sena, mas a moça acredita que foram os vínculos que a rodeavam que a levou a ter a curiosidade.

Navegando pelo Facebook, Sena aceitou a solicitação de amizade de um simpático rapaz. Mal sabia ela tudo que aconteceria após aquela simples escolha. Apaixonados, começaram a namorar e tudo ia às mil maravilhas. Até que, aos cinco meses de namoro, Sena descobriu que o jovem era envolvido com o tráfico. Mesmo não desejando mais aquilo em sua vida, Sena já estava muito ligada à ele e viu-se dependente daquele relacionamento.

Sena passou a usar a droga vendida em pequenas quantidades por seu namorado. Convivendo com ele, via como tudo era feito e despachado. Sua tia não sabia, mas chegou a suspeitar e contou para seus pais. A jovem desmentiu tudo, alegando ser preconceito pelo fato do companheiro ter tatuagens e os pais confiaram na filha.

Em clima de paz, a jovem deixou a tia e foi morar com o namorado, onde realmente teve contato com a venda em si e abandonou a escola. Sena ajeitava, fazia as embalagens, despachava para os outros quando o parceiro não estava, recebia o dinheiro e tudo. No fundo, Sena não queria aquilo. Mas fazia porque queria estar com ele - seu coração lhe dizia que não havia como não estar vinculada àquilo estando com o rapaz. Com o tempo, acabou por se acostumar com aquele cenário. Sena não podia afirmar que era feliz daquela forma, pois sempre sentia que aquele estilo de vida não era o certo, pois não era o que seus pais queriam.

De início, o tráfico era algo pequeno a partir da cocaína e da maconha, dando apenas para o sustento dos dois. Tempos depois, o casal deixou de vender drogas para passar a guardá-las em grande quantidade para alguém maior. Desta vez, a empreitada incluía o crack e gerava um bom retorno financeiro, possibilitando a posse de carro, moto, casa mobiliada e uma vida confortável. Ao mudarem-se para outro bairro próximo,

Sena começou a suspeitar que uma inimizada criada em um bar poderia denunciá-los e os jovens decidiram mudar de região.

Faltavam dois dias para a mudança, quando um carro chegou à residência do casal e bateram à porta, pela manhã. Quando o rapaz abriu, percebeu que eram policiais e ainda tentou fechar, mas os dois homens fortes conseguiram abrir e começaram a interrogá-lo. Quando Sena se aproximou e entendeu o que acontecia, correu para o quarto onde havia um saco grande com mais de 25 kg de maconha e carregou-o até o quintal para escondê-lo. Os policiais revistaram a casa, enquanto a jovem os convencia de que não fossem até o quintal, alegando que era propriedade do vizinho. Mas não adiantou. Eles foram até lá e encontraram tudo.

Enquanto comemoravam o sucesso da operação e chamavam reforços, Sena era agredida pelos policiais com um cabo de vassoura, para que localizasse alguma arma da qual a jovem alegava não saber. Em seguida, foi dada voz de prisão e colocaram algemas no casal. Pela primeira vez, Sena foi tratada de forma diferente daquilo que estava acostumada com a família e com as pessoas que a cercavam. Estava descalça e assim mesmo a levaram. Naquele momento, pela primeira vez, Sena não se sentiu uma menina comum e sim uma pessoa criminosa que teria de responder pelas escolhas que havia feito.

Os oficiais pegaram toda a droga e colocaram os namorados em carros separados. Da janela da viatura, Sena avistou seus pais atordoados com o que acontecia, pois não tinham ideia de tudo que a querida filha fazia. O desespero tomou conta da jovem. Chegando à delegacia, Sena viu seu companheiro ser ainda mais agredido e o abraçou como uma tentativa de protegê-lo, pois pensou que iriam matá-lo ali. Ao ver isso, o delegado deu um tapa na cara da jovem, enquanto outro policial a afastava. Ali, a menina experimentara o sentimento de estar na condição de alguém à margem da lei.

“

Senti que eu não tinha nenhum valor diante daquelas pessoas. Por mais que elas fossem iguais a mim, para elas eu não era nada. Era apenas mais uma para eles cumprirem suas obrigações legais. Me dei conta de que eu não queria ser vista pela sociedade e pela polícia como uma pessoa criminosa, uma marginal, alguém sem família. Para eles, é como se eu fosse uma pessoa que nasceu naquilo, que era aquilo e que morreria naquilo.

Na delegacia, o casal deu depoimento e realizaram corpo de delito, orientados por um policial que Sena me descreve como “mais legal que os de antes”. Com a costela quebrada pela agressão sofrida, seu parceiro teve de alegar que havia sofrido uma queda na escada. No dia seguinte, finalizado todo o processo de reconhecimento de voz, registro de digital e foto, foram divulgados os nomes que iriam para o presídio. O nome de Sena e de seu companheiro estavam nesta lista.

Tomada de medo, Sena e seu namorado abraçaram-se, enquanto ele dizia que a amava e que tudo daria certo, pois ele assumiria a culpa. Aquela despedida marcava a última vez que os jovens se veriam. Sena foi levada descalça em meio à lama daquele dia chuvoso e colocada na parte de trás da viatura com mais duas meninas. Fechado e sem ventilação suficiente, a jovem seguia para a ala feminina do presídio. Chegando lá, cada mulher tinha de ficar despida para ser revistada. “Horrível e humilhante” são as palavras que a jovem usa para descrever-me esse momento.

Na cela, a menina viu-se rodeada de 10 mulheres criminosas, sem ninguém para lhe proteger ou estar com ela. Estava rodeada de pessoas e, ao mesmo tempo, sozinha. Mesmo privada de liberdade, Sena ainda encontrava droga acessível lá dentro. Uma das lembranças que a menina jamais vai esquecer ocorreu em uma de suas longas noites, quando Sena acordou de

madrugada e deparou-se com uma companheira de cela lunática de pé observando-a dormir. O desespero pela cena digna de filme de terror tomou conta de si, enquanto se consolava de que aquilo seria apenas por alguns dias - assim pensava.

À título de informação, vale ressaltar que o Censo Penitenciário do Ceará, realizado em 2013, apontou que mais de 60% das mulheres encarceradas no estado cumpriam pena por envolvimento com o tráfico de drogas.



Fonte: Censo Penitenciário do Ceará 2013

Além disso, conforme o Censo, é considerada alta a taxa de presos no Ceará, entre homens e mulheres, que fazem uso frequente de maconha mesmo dentro da prisão.

Aproximadamente 10% dos 12.040 entrevistados pela pesquisa responderam que fazem uso da substância entre “mais de uma vez na semana” e “todos os dias”.

Quanto ao perfil de crença dos encarcerados, apesar da maioria professar a religião católica (43,9%), o estudo pontua que “também muitos manifestam ser evangélicos [25,6%], acompanhando a tendência geral de crescimento dessa matriz da população brasileira”, servindo de reflexão sobre a relação existente entre este público e seu alcance pela igreja evangélica.

O relatório conclui declarando que o indivíduo encarcerado no Ceará tem “consciência do forte preconceito que sofre da sociedade e sabe que, mesmo ao cumprir a pena recebida, será estigmatizado”. César Barreira, sociólogo e coordenador do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará, complementa o pensamento ao declarar sobre o relatório: “o senso comum é sábio quando fala do sistema penitenciário, fazendo referência ao *submundo*, aos *porões* e ao *depósito humano*. A prisão é um lugar negado socialmente e estigmatizado, sendo nesta dimensão que ganha concretude o termo *ressocialização*”. Segundo o estudo, os entrevistados afirmaram não enxergarem-se mais como cidadãos e que, ao mesmo tempo, desejam mais dignidade na prisão.

Sem colchão vago, a jovem dormiu no chão até que outro desocupasse. Fardadas de blusa branca e calção laranja, as internas acordavam muito cedo - apesar de que Sena me confessa que muitas nem chegavam a conseguir dormir. Às 05h já estavam de pé e às 18h já estavam jantando. O dia acabava muito cedo - apesar das horas parecerem longas - e logo todas tinham de estar de volta à cela, enfadadas ao ficarem sozinhas com seus próprios pensamentos.

Três refeições diárias eram servidas: café, almoço e jantar. Mas a imagem de dezenas de gatos urinando enquanto as pessoas se serviam, tirava a fome de Sena, que perdia bastante peso e começava a apresentar sintomas físicos que a preocupavam. Nunca estivera tão magra na vida. Seus ossinhos eram visíveis e a jovem presidiária passou a depender de mantimentos que a família levava.

Só depois de quinze dias lá dentro sua família pôde vê-la. Mas sua mãe, em quem tanto a jovem pensava, demorou a ir ao local, justificando não ter condições psicológicas para vê-la naquele lugar, onde cumpria a pena pelos artigos de tráfico e de porte ilegal de arma.

Na parte do banho, onde ficava um tanque, havia uma janelinha cheia de grades de onde era possível avistar os portões

e um muro bem alto. Sena tinha o costume de apoiar-se em um degrau para olhar a paisagem, enquanto ficava a imaginar quando finalmente chegaria o dia de passar por aqueles portões.

Os longos dias fizeram Sena perceber que não queria aquilo para sua vida. No presídio, pôde conhecer pessoas que aceitavam e se adaptavam àquela vida tranquilamente. Eram mulheres profundamente envolvidas, tinham amizades, eram espertas no crime e pretendiam continuar naquilo, sem outras perspectivas. Enquanto isso, Sena era apenas uma menina que fora influenciada pela cegueira da paixão no meio daquilo tudo.

No momento em que os portões eram abertos para o banho de sol, a sensação que deveria ser de alívio era tomada por medo. Várias meninas com diferentes históricos se espalhavam, enquanto lançavam umas para as outras: “o que você fez para estar aqui? qual o crime que você cometeu?”. Por qualquer olhar diferente ou palavra mal colocada, a menina temia acabar envolvendo-se em brigas. Mesmo no meio dessa aflição, Sena acabou criando boas amizades, ainda que poucas.

E foi uma dessas amigas que apresentou à Sena um livro. Chamava-se “Uma porta para a vida”. A jovem detida observou a capa, folheou as páginas e, sem muitas pretensões, decidiu ler o livro - pela primeira vez na vida, leria um. O que Sena não imaginava, era que aquele livro mudaria sua vida para sempre.

Eu pensei em me isolar
E o mundo não ver.
Caminhei sem destino
No mundo perdido
E me angustiava por haver
nascido.

Todavia, Deus me amou
E abriu enfim meus olhos
E deixei os meu conceitos
Para ser o seu discípulo.

Não sou mais um jovem
triste
De uma geração florida
Que nas drogas se esconde,
Protestando contra a vida.

A liberdade está em Jesus

- Marcos Antônio, 2010



LADO A LADO

Assim como a serpente enganou Eva, quando a pessoa vai entrar nessa vida, só se mostra a proposta pelo lado bom. Nos mostraram dinheiro, mas não nos mostraram a polícia invadindo nossa casa. Nos mostraram fama, mas não nos mostraram a perseguição de inimigos que teríamos. Nos mostraram regalias, mas não mostraram que toda nossa família sofreria tanto. Quem entra nisso, põe tudo na balança e não pensa em morrer naquela vida. Todos desejam um dia sair, mesmo que seja difícil.



Em uma manhã de sábado, me dirijo ao local onde marcamos o encontro para a entrevista: a igreja onde Daniel e Carol congregam-se atualmente, no bairro Joaquim Távora, em Fortaleza. Aproveitando a vista da imponente arquitetura do templo ornado com vitrais, rochas e um jardim florido com ixoras vermelhas, o casal conhecido pela projeção de sua história aceita ser fotografado. Através das lentes da câmera, observo o afeto tímido do casal um com o outro e sua estima pela capela e, assim, concluo que não haveria lugar melhor que

me representasse sua história, visto o significado que tem em suas vidas.

De frente a mim, o casal se acomoda nos assentos da igreja rodeada de coloridos vitrais iluminados pela luz do dia. Damos início à entrevista. Apesar de suas individualidades, seria quase impossível contar as histórias dos dois de forma separada - tão entrelaçadas são suas vidas. Por isso, começo esquadrinhando sobre a identidade que cada um carrega sobre si mesmo. Começo por Carol. Reconheço diante de mim uma mulher de 33 anos que já viveu bastante coisa nessa vida. Cativante e introvertida, Carol me confessa que sou a primeira pessoa a se interessar especificamente por sua trajetória, já que, entre os dois, Daniel é quem tem mais abertura para falar sobre. Vejo-me prestes a destrinchar memórias de uma história ainda não contada.

Filha de pais separados, a infância de Carol sempre foi entre idas e vindas entre Fortaleza e Iguatu, morando com as avós. Na adolescência, seus tios e colegas a influenciavam à bebida e logo, aos 14 anos, veio morar definitivamente em Fortaleza, na casa de uma tia. Apesar de todo acolhimento, a menina nunca sentiu-se realmente pertencente e amada em nenhum destes lugares.

Indagado, Daniel me assegura que hoje é, acima de tudo, alguém que vive para Deus. Um homem de 35 anos, que é brincalhão, mas que também sabe a hora de ser sério. Alguém que fez coisas erradas no passado, mas que foi “esclarecido”.

Daniel sempre morou em Fortaleza, no bairro Joaquim Távora. Sem muito controle dos pais, suas lembranças de infância são mais sobre as ruas do bairro do que em casa. Por ser aquela criança que sempre andava com os mais velhos, recebeu da turma o apelido de “pulguinha”. Tendo apenas oito anos, o menino já gostava de ir à praça do bairro para ouvir o que os garotos mais velhos falavam sobre os bailes da época e as empreitadas contra as gangues rivais. Com o tempo, aos 13 anos, o próprio garoto já estava participando ativamente desses episódios.

A falta de pais presentes ou atuantes na infância de Carol e Daniel é apontada por Selma Frossard, Mestra em Assistência Social, como um ponto problemático na formação social do indivíduo. Segundo a pesquisadora em processo de reinserção social de dependentes químicos, sentimentos de rejeição ou necessidades emocionais supridas de maneira exacerbada podem formar adultos mais propícios às drogas.

Reforçando a linha de pensamento, a psicóloga Maria de Jesus Lopes de Oliveira, especialista em dependência química, destaca que a história pessoal de vida e a família de cada indivíduo podem gerar fatores de risco ou de proteção em relação ao uso de drogas e à delinquência. Nesse sentido, a psicóloga aponta que, em relação à pessoa que não apresenta nenhuma fé, um indivíduo que carrega valores religiosos pode ter determinadas necessidades básicas satisfeitas, protegendo-o de estímulos internos e externos ou fazendo-o desenvolver mais condições de resistência para retomada de vida e abandono de hábitos destrutivos.

Complementando a ideia, Selma aponta também existirem pessoas que nascem com uma certa propensão à dependência química, bastando apenas um gatilho como o abandono ou a desilusão para buscar refúgio nas drogas e tornar-se dependente. Frossard reforça que a dependência química é “uma doença e deve ser tratada como questão de saúde pública no país”.

Foi na escola, no bairro Joaquim Távora, em 2004, que os jovens se conheceram. De bicicleta, Daniel estava chegando na escola e Carol estava na entrada, quando se viram pela primeira vez. A menina falou algo com o rapaz, mas ele não ouviu. Outro dia, na praça do bairro onde os jovens costumavam

ir pela noite com os amigos, os dois puderam se aproximar e conversar, até que Daniel gentilmente perguntou se poderia acompanhá-la até sua casa. A moça assentiu. Naquela noite, andando juntos lado a lado pelas ruas do bairro, não passava pela cabeça dos jovens apaixonados que aquele simples pedido marcaria o início da trajetória de uma vida inteira juntos.

Quando finalmente começaram a namorar, o pai de Carol deixou claro que não apoiava e levou a filha consigo para morar no bairro Bom Jardim, com o objetivo de afastar os dois. Mas não teve jeito. Carol, afeiçoada a Daniel, fugia de casa para encontrar-se com o rapaz. Ao ver que não teria como separar o casal, o pai entregou a filha à sua própria escolha e deixou de preocupar-se com ela. Não tendo a permissão dos pais para abrigar a namorada em sua casa, foi então que o jovem Daniel teve uma ideia.

Por já ter conhecimento de que os traficantes conseguiam bastante dinheiro, o rapaz decidiu começar a vender droga, para então conseguir dinheiro suficiente para construir seu lar em cima da casa de seus pais. Assim, os jovens finalmente poderiam ficar juntos. Cansada de morar com tantos familiares e sentir que não encontrava um lugar onde fosse realmente querida, Carol apoiou a ideia, pensando apenas em construir a casa e finalmente sair daquela vida nômade.

Jantares em restaurantes, joias e roupas caras. Nesse período de “fazer dinheiro”, o casal pôde experimentar uma vida de regalias. Ao completar a quantia da casa e construí-la, a venda de cocaína, maconha e crack cessou. Não demorou muito para o casal sentir falta do padrão de vida que haviam experimentado com o dinheiro da venda. Permaneceram assim por cerca de um mês, até que voltaram ao tráfico de forma “pior do que antes”, como me descreve o casal.

Por conhecerem o que a droga era capaz de fazer com os jovens, o casal tinha em mente que, se usassem, o negócio poderia “desandar” e resguardavam-se disso. Porém, ainda assim, Carol usou maconha, enquanto Daniel experimentou todas as drogas da época, até mesmo o crack que, segundo o rapaz, “é a pior, por ser a que mais vicia, levando a pessoa ao fundo do poço”.

Habituação a comandar gangues em confrontos com outros bairros, o espírito de liderança sempre foi algo notório em Daniel. Naturalmente, o jovem ascendeu na hierarquia do tráfico. Com pouco tempo, o rapaz já tinha outras pessoas que vendiam por ele, ao ponto de poder parar de vender para apenas fornecer.

O casal tinha ciência de que tudo que estavam fazendo era ilícito e sabiam quais poderiam ser as consequências.

Porém, a sensação de serem pessoas influentes no bairro e de ter aquele dinheiro gerava uma ideia de segurança e de que poderiam comprar tudo o que quisessem, até mesmo a polícia.

“

O sentimento que eu tinha era tipo de soberba, de me achar maior do que os outros, de ser “o patrão”, como me chamavam. Ser elogiado, ser temido, ter várias pessoas trabalhando para você... Tudo isso é um sentimento que nos envolve, que a gente não quer deixar. Acho que essa foi uma das coisas que mais me prendeu no tráfico.

Enquanto isso, Carol me explica que sempre fora uma jovem influenciada pelas amizades e que achava ser feliz por estar ao lado de seu namorado, mesmo que sentisse que aquele não fosse seu lugar. Enquanto Carol sentia por ter rompido com o pai - que distanciara-se totalmente da filha -, a família de Daniel dizia que seu fim seria “cadeia ou cemitério” e temia que seus irmãos fossem influenciados por ele.

Sendo o líder da gangue do bairro, Daniel criou muitos inimigos ao ponto de, nas vezes em que não participava dos confrontos entre as gangues, os rivais gritavam “a gente só quer o Pulguinha! Cadê ele? Queremos o Pulguinha!”. A cada vez que Daniel sabia disso, seu orgulho aumentava ainda mais. Carol, como a companheira do tão cobiçado líder, não podia frequentar determinados lugares, chegando até mesmo a ser banida de locais públicos, como o ginásio do bairro.

Apesar de toda a popularidade, riqueza e poder, a vida do casal também passava por momentos de aflição. Sem paz, Carol passava noites em claro e, a qualquer barulho, os jovens pensavam que poderia ser a polícia invadindo a casa mais uma vez. Preocupada com o filho, que passava por constantes atentados contra sua vida, a mãe de Daniel vivia em angústia.

Aos 18 anos, ainda na escola, Carol engravidou. O pequeno garoto nasceu naquele contexto de tráfico, em 2008. Certo dia, Daniel estava desmanchando cocaína em uma pedra de mármore e enrolando para venda, quando teve de atender alguém no portão. Ao voltar ao local, deparou-se com uma cena da qual nunca esquecerá: seu filho, que ainda engatinhava, brincava com a droga, espalhando com as mãozinhas todo o pó branco ao redor. Atônito, o pai rapidamente pegou a criança nos braços e a levou ao banheiro para lavar todo o pó de suas mãos. Outro dia, Daniel estava na praça com o filho, já um pouco

maior, quando a polícia abordou o pai, ordenando que pusesse as mãos na cabeça. Como que de forma instantânea, o garotinho assustado imediatamente fez o mesmo gesto do pai diante dos policiais. Surpreendido ao ver aquela reação do filho, Daniel sentiu seu coração gelar e apertar como nunca antes.

A ousadia sempre foi algo presente na vida de Daniel. Em um de seus momentos rotineiros, o jovem estava pichando o alto de uma loja, quando despencou de uma altura de aproximadamente seis metros. O acidente foi grave e o rapaz fraturou a espinha dorsal. Medo, hospital, cirurgias e curativos. Esse foi o “presente” que o rapaz dera de dia das mães no ano de 2008 para a mulher que o cuidou a vida inteira. Daniel me conta que, no dia das mães de 2009, para compensar à sua mãe o transtorno do ano anterior, deu-lhe o presente que sabia ser o seu favorito, já que havia se tornado evangélica: ver seu filho ir à igreja com ela. Daniel foi acompanhado de Carol, que entrava em uma igreja pela primeira vez depois de adulta. Em tom de lamento, Daniel me confessa que naquele dia estava completamente drogado e estirado em um banco no fundo da igreja - a mesma onde acontece a entrevista.

Amizades também marcaram o passado de Daniel, especialmente a de um amigo, chamado Alisson. Suas famílias se conheciam, dormiam um na casa do outro e estavam juntos em toda empreitada - até chegaram a prometer um ao outro que,

caso fossem presos, iriam juntos para a cadeia. Certo dia, Alisson saiu para realizar um assalto. O que o jovem não contava é que iria se deparar com um policial armado no flagrante. Desde então, 02 de janeiro de 2009 ficou marcado para sempre em Daniel como o doloroso dia em que perdeu um parceiro que lhe era como um irmão. Tempos depois, o casal teve seu segundo filho e Daniel deu-lhe o nome de Alisson, em homenagem ao amigo.

Diante de tantos acontecimentos, o casal refletia se todo aquele dinheiro, regalias e reconhecimento que tinham valiam a pena toda a perseguição, medo e temor pelo futuro dos filhos. Foi daí que o casal pensou que era hora de deixar aquela vida. Então, decidiram que tornariam-se "cidadãos de bem".

Para deixar o tráfico, o primeiro passo da tentativa de mudança do casal, que não incluía nada de igreja, foi buscar o benefício de seguro social, devido ao acidente de queda que debilitou Daniel. Aprovado o auxílio, os jovens pararam a venda. Mas bastavam as contas começarem a apertar que logo o casal acabava voltando e o drama se repetia. Para tentar deixar de vez o tráfico, o rapaz começou a trabalhar como motoboy. Assim, Daniel imaginava que teria uma vida “normal”, mas o rapaz ainda mantinha a mesma rotina de usar drogas e liderar as gangues do bairro. Para Carol, a vida ideal seria trabalhar, cuidar do filho e ter um companheiro mais presente no lar.

Por observar a mudança que alguns jovens do bairro que eram envolvidos no crime passaram a mostrar após converterem-se em uma igreja, Daniel e Carol começaram a visitá-la. Naquele ambiente envolto por crentes, músicas, bíblias e pregações, o casal tão perseguido e angustiado, pela primeira vez em tanto tempo, sentiu paz. Entretanto, nada havia mudado. O momento que seria um verdadeiro divisor de águas na história do casal ainda estava por vir.

Era um domingo de manhã, mais especificamente no dia 11 de setembro de 2011. Daniel já estava fardado para ir trabalhar, quando parou para trocar o canal que passava na televisão. Ao acionar o controle, uma música começou a tocar no novo canal. Foi então que algo incomum aconteceu.

De tanta coisa que andei
fazendo,
De quase todas, me
arrependi.
Mas houve uma especial.
Foi a mais certa que
escolhi.

A melhor coisa que eu já
fiz, em toda minha vida,
salvou-me por um triz.
Em aceitar Jesus,
sinceramente, foi
A melhor coisa que eu já
fiz.

Coisas erradas andei
fazendo, na condição de
pecador.
Mas, quando achei-me
desfalecendo,
Tomei a decisão que me
salvou.

- Ozeias de Paula, 1975



RAIA A ESPERANÇA

Polícia? Relâmpago? Insetos luminosos? O jovem Bruno não conseguia identificar de onde vinha aquela luz entre as árvores. De primeira, pensou que fosse a motinha da polícia e levantou-se, procurando o movimento. Procurou pela mata, mas não encontrou nada. Foi até à pista e nada. O rapaz voltou para o mesmo local, pensando que luz era aquela.

Ao voltar inconformado para seu esconderijo, Bruno foi tomado por um sentimento nunca experimentado antes. Sentiu um repúdio pelo que iria fazer e, convicto, jogou fora toda aquela quantidade de droga, deixando também para trás seu leal facão. Decidiu que seguiria o caminho para casa. Neste momento, minha mente vagueia em imaginar a origem daquela luz não materializada que Bruno avistara. De qualquer maneira, me atenho ao que posso ter certeza: pela convicção com que Bruno me conta sobre o efeito das palavras de Nazareno e aquele fenômeno transcendental, reconheço que aquele rapaz não seria mais o mesmo depois de tudo isso.

Após a experiência no riacho, Bruno chegou em casa e bateu à porta. Era tarde da noite. Sua mãe assustou-se e logo

pensou que seria uma notícia de morte ou prisão de seu filho. Afinal, era o que ela poderia esperar. Quando sua mãe abriu a porta e o avistou, Bruno disse “mãe, hoje eu decidi que quero sair dessa vida”. Dona Maria chorou como uma criança, enquanto perguntava se era isso mesmo que o filho queria e ele declarava que sim. A madrugada daquela sexta-feira foi tão emocionante quanto inesquecível para ambos.

Passado o momento choroso, Bruno finalmente adormeceu em paz em sua casa. Quando finalmente acordou e viu que horas eram, ficou atordoado ao perceber que tinha perdido o horário de um compromisso. Assistindo à cena, sua mãe explicou-lhe que não estavam mais no sábado - já era uma segunda-feira. Ao conferir a data, Bruno ficou desacreditado ao compreender que havia dormido durante três dias seguidos. Dona Maria chegou a pensar que seu filho estivesse morto e até chamou um enfermeiro para examiná-lo. Bruno não sentiu e não percebeu nada, tamanha era a exaustão sob seu corpo sempre cansado por passar de cinco a seis dias acordado.

Ainda na manhã daquela segunda-feira, o corpo de Bruno, naturalmente, pediu pela droga e, então, saiu para fumar. Mas, ao chegar até a esquina, voltou para trás. O mesmo sentimento de quando jogou a droga fora retornava. Não sabia o que era, mas algo o impedia de ir adiante. Tentou pela tarde, mas não conseguiu. Tentou novamente pela noite, mas não

passou da esquina. O sentimento dentro de si era capaz de ser superior à abstinência de seu corpo acostumado com altas doses de droga.

Na quinta-feira daquela semana nada comum, no final da tarde, o intrigante “irmão Nazareno” apareceu novamente pelo bairro. Estava à procura de uma pessoa que iria com ele à igreja, mas não a encontrou. Voltando, passou próximo à Vila dos Carás e reconheceu alguém que estava sentado em uma calçada. Logo lembrou-se daquele semblante e surpreendeu-se por ter encontrado aquele jovem do riacho novamente. Nazareno cumprimentou Bruno, explicou o que fazia ali e, como se esquadrinhasse a inclinação do coração do jovem, firmemente disse “já que não encontrei a pessoa que convidei, é você que tem que ir comigo à igreja!”. Encabulado e olhando para suas roupas não tão apresentáveis, Bruno respondeu que não tinha dinheiro para a passagem. Nazareno logo prontificou-se a pagar sua passagem e aguardou Bruno se arrumar.

Enquanto estavam no ônibus, à caminho da igreja que ficava em um bairro central da cidade, o jovem sentiu-se inquieto. A aflição que seu corpo sentia pela privação da droga fazia o jovem pensar o tempo todo em descer do ônibus. Mas Nazareno o encorajou e ele foi até o fim. Hoje, Bruno é grato pelo incentivo que recebeu, pois aquela noite fora única em sua

vida, conforme me relata com a voz carregada de emoção e com uma expressão radiante:

Eu nem sabia o que era esse negócio de ser crente. Mas, naquele dia, parecia que o pastor me conhecia. Tudo que ele falou era exatamente o que eu estava passando na minha vida. Ao final do culto, eu fui chorando lá na frente e me entreguei a Jesus. Naquele dia, eu me converti.

Algo dentro do rapaz havia mudado e ele sentia-se alguém diferente. Com a transformação interior, Bruno também passou a refletir por fora sua mudança. Aquele que antes passava pelas ruas do bairro fora de si pelo efeito das drogas, passou a andar bem vestido e com uma Bíblia debaixo do braço. Não demorou para o jovem se deparar com comentários difíceis de se ouvir. “Não dou um mês para o Bruno voltar a fazer tudo de novo”, diziam alguns da comunidade que não acreditavam em sua mudança.

Com um mês de convertido, sua tia conseguiu vaga para um tratamento de desintoxicação no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto, no bairro Messejana. Com direito à realização de cultos, refeições, jogos, psicólogo e oficinas, Bruno passou 15 dias limpando o sangue na unidade terapêutica. Naquele ambiente, pôde sentir grande alívio físico dos efeitos

persistentes da abstinência - o que fez bastante diferença para o progresso do novo Bruno.

Ainda de acordo com a Mestra em Assistência Social, Selma Frossard, o momento mais difícil no tratamento de um dependente químico é o primeiro mês, devido à intensidade da crise de abstinência.

Sendo assim, no ambiente terapêutico, além de apoio no processo biológico, trabalha-se também o despertar de sonhos, novos projetos e metas a serem alcançadas, a fim de auxiliar no enfrentamento de uma vida abstinência das substâncias. Conforme a especialista, a saída do paciente de volta à rotina deve ser sempre marcada pelo apoio da família e pela criação de novos vínculos:

“A questão do ambiente e dos velhos amigos é algo muito forte. Se ele está em uma instituição ligada, por exemplo, a uma igreja, ele precisa descobrir novos bons amigos, que vão ajudá-lo e sustentá-lo a manter-se abstinência e não facilitar para que recaia”, aponta Frossard.

Dessa forma, a Assistente Social reconhece a importância do indivíduo ser fortalecido nos âmbitos espiritual,

emocional e social, promovendo a reconstrução de sua identidade e evitando recaídas.

Ao sair da breve internação, Bruno conheceu uma congregação da mesma igreja de Nazareno, no bairro Mucuripe, onde passou a fazer parte. Nela, sentiu-se acolhido pelos membros e recebeu bastante apoio - especialmente de uma senhora chamada Cleó. Bruno não a conhecia, mas ela sabia de sua fama e de onde o jovem vinha. Cleó acabou sendo uma das pessoas que mais o incentivou em seu processo de reconstrução, alegrando-se com o jovem a cada passo dado.

Quando Bruno contava aos demais membros da igreja a sua história, todos ficavam surpreendidos por não imaginar que o jovem já tinha passado por tudo aquilo. De início, alguns temiam que Bruno pudesse ser alvo de represália de inimigos, mas o rapaz não sentiu-se tratado com diferença, conforme me descreve:

Dali em diante, minha vida foi mudando, criei novos vínculos e fui sendo transformado. O que eu esperava da igreja era ajuda no processo que estava vivendo. E não foi diferente, eles me ajudaram muito.

Recém-convertido, Bruno estava arrumando-se para ir à igreja, quando encontrou um objeto diferente em um cantinho do banheiro de sua casa. Por mais de seis anos de vivência, sua mente logo associou ao que poderia ser. E estava certa. Bruno viu-se sozinho frente a 2,5 gramas de crack que seu irmão traficante havia esquecido. Era a ocasião perfeita para um viciado que passara tanto tempo longe da droga.

Mas Bruno não era mais um viciado. Essa não era mais sua identidade. O rapaz olhou para aquela pedra que trazia tantas sensações à tona e disse “não! não mais!”. Pela descarga do vaso, desaparecia aquilo que um dia lhe proporcionou um alívio seguido de angústia profunda. Sem mais prazer naquilo, lá foi o liberto Bruno para seu culto de oração. Contento e sem recaídas, só não imaginava ele que, ao chegar em casa, teria de se explicar ao irmão zangado onde tinha ido parar sua mercadoria. Enquanto damos risadas do episódio sobre o qual Bruno me garante que seu irmão foi ressarcido do prejuízo, penso sobre como o envolvimento das dimensões biológicas, espirituais e os novos vínculos sociais criados pelo rapaz mostraram-se fatores favoráveis em seu processo de recuperação.

Bruno ainda precisava de um trabalho e logo conseguiu por meio da igreja. Estava entre os irmãos quando uma irmã, chamada Lívia, falou-lhe que uma parente estava abrindo uma

empresa e que a primeira pessoa que ela pensou em colocar foi ele. Ela pediu que organizasse toda a documentação e Bruno, receoso, logo questionou se seria aceito quando soubessem de sua história. Lívia o tranquilizou, dizendo que já tinha contado sobre a nova pessoa que ele era. No final das contas, a contratante já o conhecia pelo seu passado e, sabendo da sua mudança, deu-lhe a oportunidade, onde trabalhou por dois anos, na Caixa Econômica.

Ao completar um ano de convertido, a sociedade reconheceu, enfim, sua nova identidade. Propostas para voltar ao tráfico ainda surgiram, mas rejeitou todas. Quanto aos antigos laços e amizades, Bruno agora é reconhecido por sua história. Um de seus colegas da época tornou-se chefe de uma organização criminosa hoje. Nas raras vezes em que se veem atualmente, o líder demonstra respeito e consideração pela pessoa que Bruno tornou-se. Agora, como cristão e com respaldo para falar sobre mudança de vida, o rapaz costuma ir até aos que estão usando droga para falar sobre Deus, assim como fizeram com ele um dia, de forma a oferecê-los a oportunidade que um dia ele teve de experimentar outro caminho, independente do que a sociedade dissesse:

“

Eu realmente mudei e estou nesse caminho há oito anos. Agora, quando chego na Varjota, as pessoas dizem: “esse aí é um homem de Deus”. Eu me libertei e superei os rótulos das pessoas sobre mim. Eu mostrei a eles que era verdade a minha conversão. Quando eu olho para Cristo, eu vejo que não sou mais aquela pessoa e vou superando a cada dia.

Percebo os olhos do rapaz brilharem ao falar da fé que lhe fez uma nova pessoa. Em um misto de emoções, Bruno me revela que esse exercício de contar sua história hoje, em parte, é bom, pois ele pode mostrar a todos quem ele era antes e a realidade na qual viveu.

Eu nunca imaginei ser um cristão. Isso nunca passou pela minha cabeça. Mas hoje eu vejo realmente a mudança que Cristo fez na minha vida. Eu não me enxergo mais nesse mundo. E se vejo que houve recuperação para mim, sei que para os outros que são como eu era, também há.

Bruno termina de me contar sua história e, prontamente, aceita ser fotografado. Findada a entrevista, me convida para conhecer sua filha e provar de um bolo com um suco bem gelado. Aceito e sento à mesa com sua acolhedora esposa - também cristã - que segura a pequena filha do casal, enquanto Bruno pede licença para buscar algo que lhe chega pelo correio. Satisfeito, volta com sua mais nova Bíblia, de capa preta e escritos em dourado. O rapaz me mostra sua nova aquisição e a põe de lado, enquanto se acomoda para o café da tarde. Ao desfrutar da singeleza desse momento com sua família, reparo o livro símbolo de sua fé ao lado e me dou conta do milagre que estava à minha frente. Despeço-me de todos e sigo meu caminho de volta. Ao ver da janela do ônibus o pôr do sol ao fundo das paisagens da Sabiaguaba, penso como em meio àquela escuridão, uma “luz” de esperança raiou para Bruno e, nesse momento, só posso desejar que muitos “Brunos” desconhecidos por aí possam ter essa chance também.

Melhor é o fim das coisas do
que o princípio delas

- Eclesiastes 7:8

UMA PORTA PARA A
VIDA

UMA NOVA MULHER

Na cadeia, o livro que Sena tinha em suas mãos contava a história de um presidiário que teve sua vida mudada ao converter-se ao cristianismo. De uma forma sublime, Sena identificou-se com a história daquele livro que seria um divisor de águas em sua vida e, como se uma luz acendesse em sua mente, sussurrou para si mesma: “Eu preciso buscar a Deus”. Era por volta de seu quarto mês de detenção.

Depois desse estalo, Sena teve acesso à uma Bíblia. Começou a lê-la e a participar de um grupo de oração organizado pelas próprias detentas, até que, em um desses encontros, tomou uma decisão.

No meu sexto mês de prisão, estávamos todas de mãos dadas em uma reunião e a líder perguntou se alguém queria receber Jesus em sua vida. Naquele momento, fiquei em uma luta interna, pensando se era isso mesmo que eu queria e sobre como seria depois de eu sair. Tomei coragem e fui à frente. Dali em diante, uma nova pessoa passou a existir dentro de mim. Acredito que o choque de realidade foi o que mais levou a Cristo. O meu estado. Eu achava que era uma pessoa comum.

Mas aquele lugar me fez ver que eu precisava deixar Deus transformar minha vida.

Sua família ficara feliz com a decisão, já que romperia com a antiga vida - inclusive, abandonou o uso da droga a partir disso. Assim que teve a oportunidade, Sena comunicou ao seu namorado, dizendo que só continuaria com ele se fosse para “andarem na mesma direção”. O rapaz não aceitou a mudança e chegou a chantageá-la. Sena, a garota acostumada a deixar-se ser guiada por seu companheiro, revestiu-se de coragem e rompeu o relacionamento, deixando claro que estava deixando-o para seguir uma nova vida. Não foi uma decisão fácil, pois Sena o amava muito, mas a nova mulher que formava-se dentro de si lhe dizia que decisões difíceis precisavam ser tomadas. Sua vida estava mudando e imaginava que tudo começou pela simples leitura de um livro.

Celso Godoy é o autor do livro que chegou até Sena. O rapaz teve uma trajetória marcada pelo crime e pelo cárcere nos anos noventa, tendo passado até mesmo pelo famoso presídio Carandiru duas vezes. Ao converter-se ao cristianismo, Godoy superou sua condição e hoje é especialista em dependência química, pós graduado em antropologia social, além de Capelão em Segurança Pública, Coordenador do Núcleo de Atendimento

Psicossocial da 44ª Companhia da Polícia Militar em Medeiros Neto, na Bahia, além de Pastor Batista.

Na oportunidade que tive de entrevistá-lo, consultei-lhe tanto sobre sua área de pesquisa, quanto sobre sua vivência de ter sido um encarcerado que, agora, pastoreia uma igreja evangélica e lida com o público socialmente vulnerável.

O autor me revela que seu livro, que conta sobre sua vida pregressa até seu encontro com Deus, toca o coração das pessoas e o enche de esperança - especialmente de quem se identifica com sua história. Indago a respeito da mudança pessoal que Sena viveu e o Pós-graduado em Ciências da Religião assim me explica a experiência da conversão:

“A conversão não é outra coisa, senão mudar a sua direção. É quando alguém tem uma experiência espiritual e passa a focar em Deus e, a partir daí, através de Jesus Cristo, absolutamente tudo muda. Na Teologia, isso chama-se *metanóia* - uma verdadeira transformação de mente. A pessoa passa a ter uma nova perspectiva social, espiritual e psicologicamente também - o indivíduo começa a relacionar-se com a vida em outra compreensão. Foi o que aconteceu comigo, eu só consegui retomar a minha vida quando eu entendi que Deus não olhava pra mim como um criminoso ou um marginal, como as pessoas olhavam, mas como alguém que tinha

possibilidade de mudar de vida e, quando eu me submeti à isso, decidi mudar de direção e minha vida foi transformada”, descreve o Teólogo.



Com o escritório repleto de mais 40 certificados, Celso Godoy garante que sua perspectiva espiritual e social mudaram após encontro com Deus. Foto: Arquivo Pessoal.

Liberta das amarras que a prendiam emocionalmente, após um mês de seu julgamento, onde seu ex-namorado realmente cumpriu a promessa de assumir toda a culpa, Sena recebera uma notícia da qual mal fora capaz de acreditar.

Uma colega de cela com um celular com internet - clandestinamente, claro - acessou o processo de Sena e viu que o resultado havia saído. A companheira fitou Sena nos olhos e declarou: “Você está de alvará! Está autorizada a sair!”. Surpreendida, a menina caiu em prantos, enquanto as detentas abraçavam-se. Sena havia sido absolvida no caso e desligada do processo de seu ex-namorado, que acabou condenado a nove anos de prisão. Em seguida, Sena participou da reunião de oração, onde fez questão de contar a notícia com aquelas que tinham sido suas companheiras nos momentos de aflição. A menina não conteve-se de emoção ao conseguir telefonar para a mãe e dizer que ela poderia ficar à espera, pois sua querida filha estaria de volta.

Na saída, seguindo os protocolos, Sena tinha de relatar aos oficiais todo o porquê de ter sido presa. Ao fazê-lo, foi interrompida por um policial que lançava um “vixe, será que vai voltar para cá no próximo mês ou neste mês ainda?”, em tom irônico. A menina ainda nem havia atravessado os portões daquele lugar e já sentia-se recebendo um balde de água fria sob o corpo quente.

Já do lado de fora, enquanto esperava a irmã e uma amiga irem buscá-la para finalmente deixar o presídio, outros policiais perguntavam sobre sua história. Naturalmente, eles não deram crédito à sua mudança e fizeram insinuações como

“próxima semana você já vai estar lá visitando ele (ex-namorado), né?” e “cuidado para no próximo mês você não estar aqui de novo, hein?”. Em um misto de humilhação e alívio, Sena entrou no carro e finalmente viu-se livre daquele lugar inóspito e hostil onde esteve por oito longos meses.

Chegando em casa, entre choros e abraços, Sena recebeu o tão aguardado aconchego de sua mãe. Esperando que seu pai também a recebesse com pulos de alegria, Sena estranhou e procurou-o pela casa. Ao entrar no quarto, deu de cara com um homem magro deitado em uma rede e com aparência de doente. A jovem quase não reconheceu seu próprio pai, que tanto sofreu por sua prisão e que tinha chegado ao ponto de tentar suicídio. Enquanto o abraçava e ele falava-lhe de seu alívio por tê-la em casa, lágrimas corriam dos olhos de Sena, que prometia a si mesma que jamais faria sua família passar por algo semelhante outra vez.

Passadas as emoções, Sena logo sentiu que precisava reconstruir-se diante de tantas mudanças - a começar pela aparência. A menina foi ao salão pela primeira vez depois de tanto tempo. Após tratar o cabelo danificado pela água do presídio e cuidar de si, Sena voltou a olhar no espelho e sentir-se ela mesma. O segundo passo do processo foi procurar uma igreja evangélica, pois Sena estava convicta de que ali se daria o

seu progresso, momento sobre o qual lembra afetuosamente e com os olhos brilhando ao me contar:

Na igreja, eu vi uma esperança, pois vi autoridades me tratarem como um nada e eu sabia que na questão espiritual eu não era um nada. Sabia que em Deus eu iria encontrar o meu valor e mudar aquela situação que eu estava vivendo. Aquele recomeço foi marcado pela minha dedicação em orar e ir à igreja. Lá, fui muito bem recebida e me senti muito amada e acolhida por eles - me convidavam até para suas casas. Me fizeram ver a vida com outros olhos e as pessoas poderiam me ver como uma jovem normal que amava a Deus e não como uma pessoa que havia se envolvido com tráfico.

Pela sua experiência como Pastor Batista e como alguém que já esteve à margem da sociedade, Celso Godoy acredita que, diante deste cenário de desesperança, rejeição social e de falta de oportunidade, a igreja evangélica oferece ao indivíduo um suporte que ele não receberia em outros contextos sociais.

Para Godoy, não é possível separar o apoio espiritual do social, pois enxerga a espiritualidade como uma parte intrínseca ao indivíduo: “quando uma pessoa se converte, ela se torna um personagem espiritual que se desdobra em várias áreas,

inclusive a social”, defende o antropólogo que já trabalhou no sistema prisional.

Nesse sentido, o Pastor me explica que o recebimento de pessoas com histórico de uso ou tráfico de drogas na igreja acontece sem distinções. Entretanto, o indivíduo receberá um enfoque diferenciado no acompanhamento chamado discipulado, de forma a auxiliar na sua transição para o novo estilo de vida.

Sena recorda que aos poucos mudou seu jeito de se comportar, deixou as gírias que falava e passou a se vestir com roupas que passaram a comunicar exteriormente a transformação que vivia por dentro. Além de guias em seu crescimento espiritual, os membros da igreja a estimularam a vender produtos para obter uma renda própria, até que a menina conseguisse um emprego - que lhe apareceu em uma fábrica, por indicação de um membro. As demais oportunidades de trabalho que se seguiram também foram por indicação de pessoas da igreja que sabiam do seu passado e que creditaram total confiança em indicá-la para a vaga.

A cada dia, a menina provava a sinceridade de sua mudança - até mesmo para a família de seu pai, que sempre

dizia que a circunstância do presídio a levava àquilo e que era só questão de tempo para Sena voltar às mesmas práticas.

O primeiro livro que Sena leu em toda sua vida foi na prisão. Como alguém que fora tocada pela leitura, Sena criou apreço pela prática e desenvolveu o hábito de ler livros, até ser motivada a retomar os estudos para cursar todo o ensino médio. Enquanto me conta sobre a conquista, um largo sorriso de realização aformoseia o rosto da moça.

“

A questão de voltar para a escola com certeza foi por conta da igreja. Todos me mostraram que eu poderia recomeçar essa parte, que não era algo que estava perdido e que eu ainda era jovem. Hoje, sou muito grata à igreja, pois eu realmente consegui e agora quero ir além. Eu só tenho essa visão hoje em dia por causa da igreja, pois se eu não tivesse conhecido Jesus, não pensaria nada disso. Ele me mostrou que eu poderia ter uma nova vida aqui fora e que eu posso chegar onde eu quiser.

A menina me relata que, após egressa, carregou consigo o “peso” de ser uma ex-presidiária, pois era assim que a identificavam. Entretanto, hoje considera que possui uma nova identidade e que agora se vê como uma pessoa comum, sem distinção pelas escolhas que fez no passado. Questiono Sena sobre qual foi o papel social da igreja em sua vida e ela sintetiza em uma palavra: ressocializar.

A especialista em Terceiro Setor e Políticas Sociais, Selma Frossard, explica que toda ressocialização é um processo. Nessa causa, é preciso ter o envolvimento de vários setores, como as políticas públicas nas áreas de educação, saúde, assistência social, engajamento da família e igrejas - especialmente no caso da mulher, pela sua condição emocional geralmente mais delicada por ter um companheiro ou filhos.

Apesar de a obrigação social ser do Estado, em sua experiência como assessora de uma comunidade terapêutica de confissão evangélica, Frossard reconhece a importância do trabalho social desses agentes: “eu acredito que as igrejas, principalmente nas comunidades periféricas das cidades, onde as políticas públicas não chegam, podem chegar até mesmo com muito mais rapidez e muito mais eficiência”, reflete.

Em sua experiência com a ressocialização de dependentes químicos, Frossard destaca que o primeiro passo do processo de desassociar os estigmas à sua própria identidade é reatar com a família. Em seguida, o indivíduo busca voltar ao mercado de trabalho para, então, voltar aos campos escolares antes abandonados. Foram os passos seguidos por Sena.

Por último, Sena me revela que o mar sempre foi seu lugar favorito e que marcou muitas fases de sua vida. Logo após egressa, tornou-se um lugar de aflição pelas memórias passadas, mas que com o tempo, aprendeu a ressignificar tudo. Finalizada a entrevista, Sena aceita ser fotografada e nos dirigimos ao seu lugar favorito. Ali na beira-mar, onde tudo começara, Sena aprecia a imensidão do oceano, enquanto tem em mãos o livro que abriu sua mente. Enquanto a fotografo, me vejo diante de alguém cujo passado não reconheço em seus olhos, tamanha sua mudança. Fico maravilhada ao pensar como aquela menina influenciável, dependente emocionalmente e rotulada pela sociedade, através de um livro inspirado, transformou-se em uma mulher forte e convicta que encontrou forças para tomar suas próprias decisões, reconstruir sua vida e lutar com dignidade por aquilo que deseja conquistar.

Antes que viesse a
existir,
Traçaste um plano lindo
para mim.

Quiseste me usar pra teu
louvor, Senhor.
Quanta coisa linda a
contemplar e em Teu nome
gente a libertar...

Hoje vim dizer o que está
em mim:
por todo lado há lutas
neste prosseguir.

Uma voz me diz que devo
parar.
Mas outra voz maior me
faz assim cantar:
Soberano és Tu, Senhor.

- Armando Filho, 2005



NADA MAIS COMO ERA ANTES

De repente, aquele rapaz soberbo, poderoso e temido por todos sentiu-se tocado pela canção que tocava na televisão e caiu em prantos. Assustado ao ver pela primeira vez o pai chorar, seu filho perguntou o que estava acontecendo. Mas Daniel só conseguia chorar. Em seguida, Carol apareceu e espantou-se pela cena, sendo logo surpreendida pela frase dita por seu companheiro: “minha filha, eu estou cansado e quero Jesus. Quero abandonar esta vida de vez”. O casal abraçou-se e, aos soluços, Carol respondeu “nós vamos à igreja esta noite!”, confirmando que o mesmo sentimento se passava em seu interior.

Naquela noite de domingo, o casal foi à igreja e, ao fim do culto, foram à frente do altar. Juntos, lado a lado. Assim como no dia em que andaram pelo bairro pela primeira vez, quando se conheceram. Desta vez, Daniel e Carol viam-se unidos em uma nova etapa de suas vidas: uma manifestação pública da decisão que haviam tomado, rompendo com o estilo de vida que levaram por cerca de 11 anos. Carol me relata o sentimento daquele dia:

Eu já estava tão cansada de tanta coisa que eu já tinha passado com Daniel e as crianças. Ali na igreja, eu via que nós éramos muito bem acolhidos e que os irmãos eram muito atenciosos. Eu fui vendo a diferença entre as pessoas do mundo e as pessoas da igreja. Eu ficava imaginando que era ali que eu queria estar: na comunhão com os irmãos. Aquele momento em que eu fui lá na frente foi algo maravilhoso, onde eu vi que eu estava onde eu realmente queria estar.

Carol estava grávida de seu terceiro filho quando entrou na igreja e, vivendo momentos de dificuldades, não tinha nada pronto para receber a criança. Para sua surpresa, a jovem recém-chegada foi acolhida pelas mulheres da igreja que organizaram um chá de fraldas completo - desde o enxoval até o berço. Naquele dia, a menina que teve uma infância conturbada sem encontrar uma casa onde pudesse sentir-se realmente amada, havia encontrado na igreja um lar afetuoso para fincar suas raízes em segurança e sentir-se finalmente em casa.

Questiono ao casal a motivação da procura de uma igreja evangélica para a mudança, em vez de qualquer outra instituição social e Daniel me explica o porquê:

Nessa igreja, eu via muitos que eram da vida errada mudarem depois de aceitarem a Jesus. Na verdade, eu só via essa opção, pois eu não via nenhum outro meio ou método que tirasse uma pessoa que era traficante e a regenerasse. Uma pessoa transformada mesmo, eu só via no evangelho e na igreja. Inclusive, até hoje eu digo que nunca conheci uma pessoa que era bandido, virou de outra religião e mudou. Não conheço. Mas eu conheço muitos que viraram crentes e mudaram. Foi por isso.

Diante de tudo aquilo que tinham vivido e da reputação que tinham criado no bairro, o casal pôde perceber diferenças entre a forma como eram tratados pela sociedade e a maneira como eram recebidos na igreja. Nesta, encontraram um ponto de apoio para a mudança, conforme me pontua o casal:

Na igreja, era totalmente diferente o olhar sobre nós. Enquanto no mundo as pessoas tinham medo, na igreja fomos muito bem recebidos e abraçados. Esse foi um dos grandes motivos para permanecermos, pois estávamos acostumados a ouvir palavras de maldição e que o nosso destino seria horrível. Enquanto na igreja, foi onde a gente escutou pela primeira vez uma coisa diferente, que daria certo, que ainda tinha jeito, que Deus poderia mudar nossa vida.

Enquanto para Carol foi mais fácil, para Daniel, a mudança para a nova vida foi gradual, mesmo tendo rompido com a gangue - que, por sua vez, não acreditava que estava perdendo seu líder, ao mesmo tempo que respeitava a decisão de mudar de vida. Convencido pelos amigos a ir à uma festa da torcida organizada de seu time de futebol, Daniel foi avistado por um membro da igreja, que fez questão de cumprimentá-lo no meio de seus amigos. A festa, que tanto lhe empolgaria por envolver drogas e outros lances, perdeu toda a graça assim que o rapaz ouviu “a paz do Senhor, irmão Daniel!” daquele homem. O rapaz expressa a sensação:

Respondi à saudação todo envergonhado e a festa acabou ali para mim. Eu ainda fui, mas foi como se eu estivesse em um ambiente que não era mais para mim. Não era mais aquela satisfação, aquele prazer. Era um sentimento de tristeza e eu dizia “rapaz, isso aqui não é mais pra mim não”. Aquela festa foi a última para mim... Fumar maconha, já não dava mais alegria e prazer. Dava uma tristeza, um sentimento de ingratidão, tornou-se uma coisa ruim. Festas, droga, gangues, estádio... Nada mais como era antes.

Com sua conversão, os pais de Daniel ficaram muito felizes e o jovem fez questão de pedir perdão a toda sua vizinhança, que era formada por parentes próximos que sofriam por suas condutas. Daniel me revela que uma das vizinhas até

havia adquirido síndrome do pânico, após a polícia invadir sua casa para uma vistoria. Já Carol, foi até seu pai para falar de sua mudança e pedir-lhe perdão pela rebeldia da adolescência. O pai reatou com a filha e também tornou-se amigo de Daniel. Dali em diante, as três crianças do casal passaram a ter um avô presente e querido.

Pela notabilidade que teve, mesmo depois de dois anos de convertido, Daniel ainda era procurado por traficantes maiores no negócio. Certo dia, depois de um traficante que era seu fornecedor sair da cadeia, foi à casa do rapaz à sua procura. A mãe de Daniel dissera que o jovem estava na igreja e aquele que havia sido seu “patrão” foi até a capela.

Ao chegar lá, aquele a quem costumava ver de bermuda de veludo, Cyclone (marca de roupas e acessórios que popularizou na periferia e nos bailes funk), cordão e pulseiras de prata, agora estava na portaria da igreja de roupa social e gravata, recepcionando quem chegava. Ao reconhecerem-se, Daniel contou sobre sua mudança e o traficante lançou-lhe propostas, dizendo que o negócio não era mais o mesmo sem Daniel. Inconformado, ofereceu-lhe mercadoria por preço que lhe daria muito dinheiro sob a condição de voltar a ser seu fiel cliente de antes. Ouvindo isso, Daniel fitou o rapaz nos olhos e disse com convicção: “Nem se você me desse a mercadoria de graça para eu começar do zero eu não queria, porque a paz que

eu tenho hoje, nenhum dinheiro no mundo compra”. A resposta firme diante daquela proposta provocante, foi o suficiente para aquele traficante entender que o “pulguinha” não existia mais e que Daniel havia realmente tornado-se um cristão.

Em outra ocasião, Daniel estava em um culto no qual foi convidado a pregar, no bairro Luciano Cavalcante, quando, no meio da multidão, avistou alguém o encarando. Flashes de agressões, gangues e revólveres passaram por sua mente. O rapaz lembrou-se daquele rosto. Era um grande inimigo com quem já havia tido confrontos no passado. Um arrepio passou por todo o corpo do pregador daquela noite. Daniel dizia para si mesmo e para Deus que não iria embora e que cumpriria a obrigação, fosse o que acontecesse. Pouco depois, o rosto familiar aproximou-se e indagou “está lembrado de mim, Daniel?”. O pregador, lembrando de tudo que já fizeram um contra o outro, com voz branda respondeu “sim, me lembro de você”. Aquele homem fitou os olhos de Daniel e, para sua surpresa, disse “posso te dar um abraço, irmão?”. Contrariando todo o momento de tensão, os dois rapazes abraçaram-se emocionados, enquanto pediam perdão um ao outro, agora como cristãos, pelos atentados do passado.

Não existe a palavra irrecuperável no vocabulário de Deus. Muitas vezes, as pessoas pensam que se um bandido morrer é um problema a menos, que não tem mais jeito... Mas

eu sou o exemplo de que tem! A Bíblia conta a história de um homem que morava em uma região chamada Gadara. Ele era alguém cheio de demônios, que agredia as pessoas, andava nu e que nem as autoridades conseguiam prendê-lo. Certamente, as pessoas da época diziam que para aquele gadareno não tinha mais jeito. Mas a Bíblia diz que Jesus atravessou o mar só para encontrá-lo e o libertou de tudo aquilo. O gadareno voltou ao convívio da sociedade e todos se maravilharam com aquele milagre. Um dia, eu fui como este gadareno e, assim como todos da época viram o que Deus fez com ele, hoje podem ver também o que o Senhor tem feito comigo. Para isso acontecer, precisou Jesus acreditar - e é isso que falta na sociedade e até mesmo em algumas pessoas da igreja.

O casal, que outrora costumava ir a uma determinada loja de roupas de marca, já era conhecido pela vendedora por sempre comprarem as peças mais caras. Depois de convertido, após tanto tempo sem ir ao estabelecimento, Daniel foi até o local, só para verem sua mudança. Ao reconhecê-lo, a atendente espantou-se e confessou que imaginava que o jovem havia morrido ou sido preso. Na oportunidade, o rapaz explicou que aquela pessoa que ela conhecera realmente havia “morrido” e que agora um novo Daniel havia surgido.

Reconhecendo a união, Daniel e Carol casaram-se no cartório e foram surpreendidos com um jantar organizado pelos

membros da igreja, celebrando o dia marcante na história do casal. Em lágrimas, Carol me relata que esse momento - junto ao batismo que se seguiu - selou a nova estação que começaram a viver em casal, já que, no tráfico, o relacionamento era conturbado e marcado por brigas.

Acostumado a promover um baile funk com os amigos da gangue para comemorar cada aniversário seu, Daniel passou a comemorar de outra forma. A cada ano, convidava todos os seus antigos companheiros do tráfico para ir ao culto de sua igreja. Ao todo, juntou mais de 30 jovens no evento e, nos anos seguintes, continuou com a mesma programação - mesmo com a perda de vínculo com alguns e mortes de outros.

Por todas as façanhas sucedidas e as vezes em que escapou de ser morto, Daniel me confessa que seu hobbie sempre foi a adrenalina. Tráfico, drogas, pichação, briga de gangue, estádio e torcida organizada. Tudo isso o casal deixou e me descrevem que trocaram por outro tipo de aventura: evangelizar em bairros onde a facção é rival do seu bairro ou pregar em locais de grande movimentação, como a Beira-mar. Ao fazerem isso juntos, sentem uma adrenalina, que agora consideram ser “pela causa certa”.

O casal, que havia se tornado uma referência no tráfico, agora se tornava uma referência de cristãos, pela veracidade da

nova identidade espiritual e social que tinham criado. As mesmas mães que falavam que não queriam os filhos andando com Daniel, eram as mesmas que passaram a pedir-lhe que levasse seus filhos para a igreja, enquanto as amigas de Carol despertavam interesse em saber mais sobre a nova vida que levava.

Questiono ao casal se acreditam que falta alguma iniciativa ou investimento na recuperação destas pessoas por parte do Estado. Em resposta, me explicam que acreditam que “investir no evangelho traria muito resultado”, ao mesmo tempo que enxergam intenções implícitas em manterem essas pessoas na mesma condição:

A verdade é que o Estado também ganha com isso, pois existe todo um sistema em que beneficia-se com o crime. Dessa forma, ressocializar essas pessoas, para muitos, não seria interessante, pois o Estado iria parar de ganhar. Por exemplo, existem policiais que ganham muito mais com o tráfico do que com o seu salário de policial. Para eles, não é interessante que esses rapazes parem de vender drogas, pelo contrário, a intenção é que continuem vendendo. Se os traficantes pararem de vender, policiais vão parar de ganhar. Nós éramos uns dos que eram extorquidos a pagar semanalmente à polícia. Esse é um dos motivos por que não há interesse em ressocializar.

Em sua percepção sobre o assunto, Celso Godoy, Capelão em Segurança Pública na Bahia que já viveu na condição de presidiário, admite que o Estado seja corrompido em suas bases e acredita que situações de caos instauradas podem beneficiá-lo. Godoy exemplifica que casos de rebeliões em presídios podem gerar ações emergenciais de recuperação por parte do Estado sem que haja uma precisa cotação de preços.

Apesar de reconhecer a corrupção, o Coordenador do Núcleo de Atendimento Psicossocial da 44ª Companhia da Polícia Militar em Medeiros Neto não generaliza os profissionais do sistema e afirma que “ainda existem pessoas no governo que se envolvem e se empenham com a mudança de vida na inserção do egresso no contexto social, pela mudança de vida de um traficante ou de um dependente químico, mesmo que sejam pessoas isoladas”, garante Celso.

Após as inquietantes declarações, o casal me explica que hoje entendem existir um propósito em tudo que passaram juntos. Em lágrimas, Carol se emociona ao me relatar que mulheres com a história parecida com a sua hoje a procuram buscando ajuda, enquanto Daniel me confessa que não

poderiam ajudar tantas pessoas hoje se não tivessem passado por tudo que passaram.

Terminando a entrevista, após recordarem de onde vieram e onde estão agora, um clima comovente paira sobre os entrevistados na capela. Com uma rotina bem preenchida como pais de três filhos, empregados e dirigentes de uma igreja, agradecem o tempo do casal em disporem-se para o diálogo. Como pessoas antes temidas e agora restauradas ante a sociedade, o casal me revela que deseja dedicar-se à causa destas pessoas marginalizadas pela sociedade, através da igreja. Reconheço no olhar de ambos a seriedade e o amor com que me falam de sua missão e, em meu íntimo, desejo que alcancem aquilo pelo qual têm se esforçado. Concluindo o momento, ouço o casal fazer uma oração, agradecendo a Deus por tudo que fez em suas vidas e pela missão que concedeu-lhes. Enquanto isso, reflito que, estando em uma igreja, ainda mais nesta em específico, o fechamento deste momento para Daniel e Carol não poderia ser diferente.



O FIM É O COMEÇO

Após o intenso mergulho nestas histórias, fiquei a refletir na vastidão de tantas vivências e descobertas. Quanto ao tema pesquisado nesta reportagem, percebo que, apesar das subjetividades de cada experiência, alguns pontos mostraram-se semelhantes entre os quatro perfilados.

Alguns aspectos observados valem ser destacados: 1) todos iniciaram o uso de drogas com a maconha; 2) em diferentes contextos, o sofrimento pelo qual estavam passando serviu-lhes como reflexão sobre mudar suas condições; 3) ao passarem por uma significativa “experiência pessoal” com Deus, todos converteram-se ao cristianismo; 4) sentindo o peso do preconceito e do estigma social sobre si, todos viram na igreja evangélica um refúgio onde as pessoas se mostraram acolhedoras - apesar de algumas demonstrarem receio - e o ambiente era propício para criarem novos vínculos sociais e refazerem suas vidas; 5) ao criarem uma nova identidade, Bruno e Sena receberam oportunidade de trabalho, enquanto Carol experimentava o sentimento de pertencimento e Daniel encontrava forças para deixar de vez tudo que o prendia; 6)

como cristãos, todos relataram que passaram a se dedicar mais aos estudos e ter apreço pelo hábito da leitura no geral; 7) por fim, todos demonstraram-se felizes e satisfeitos com a vida que levam atualmente e me confessaram que, se não tivessem mudado de direção, acreditam que provavelmente estariam ainda no tráfico/drogas ou até mesmo mortos, como alguns de seus amigos do passado.

Levantei a discussão desses pontos com a assistente social Selma Frossard. Para ela, a entrada dessas pessoas na igreja evangélica é um fenômeno advindo da própria dinâmica da sociedade. A especialista em Terceiro Setor e Políticas Sociais afirma perceber que, nas últimas décadas, as igrejas evangélicas têm despertado mais para um trabalho social efetivo no país e destaca que “o evangelho tem essa capacidade de atender uma pessoa nas suas necessidades espirituais, emocionais e física, causando diferença fundamental na sociedade onde as políticas públicas não alcançam”.

Questiono a respeito da recuperação de dependentes com o apoio religioso, sobre a qual a especialista aponta não haver grandes diferenças entre quem busca ajuda em uma comunidade terapêutica de quem a encontra na religião. Frossard enfatiza que esta escolha depende da oportunidade e da vontade do indivíduo: “a fé é um fator importante. Muitas vezes eles [usuários] falam *‘eu troquei a droga por Jesus’*, e é

uma excelente troca, porque muitas vezes é a fé e a certeza de que Deus está com ele - e de que não quer que ele volte para aquela vida - que o segura e o sustenta. Então, o que interessa é a pessoa ser liberta do uso das drogas e se tornar um abstinente pro resto da sua vida, é isso que importa no final”, explica.

Ainda a respeito do tema, Celso Godoy, pastor e pesquisador do processo de ressocialização de apenados, acredita que a igreja funciona como uma instituição transformadora eficaz por impulsionar a fé: “existem outras instituições sociais, mas quando uma pessoa busca essa mudança na fé e põe a sua esperança em Deus, ela está convicta de que essa mudança precisa ser operada por uma força maior. A igreja é uma instituição que transforma vidas, justamente por causa dessa conexão com Deus”, explica o antropólogo.

Indagada, a psicóloga especialista em dependência química, Maria de Jesus Lopes de Oliveira, defende que a prática da crença serve como “suporte emocional e desenvolvimento de resiliência, auxiliando no processo de ressocialização pela nova rede de amigos e atividades da igreja.” Nesta perspectiva, Maria explica que as experiências espirituais e a crença em Deus são capazes de modificar comportamentos humanos e influenciar a identidade do indivíduo.

Apesar do cenário de crescente número de igrejas evangélicas no país, Godoy acredita que, na área social, isso não significa algo bom por si só quanto ao futuro. O capelão em segurança pública reconhece que algumas igrejas em crescimento no país são “extremamente religiosas” e deficientes na compreensão do conceito da responsabilidade social da igreja.

Já quanto às igrejas engajadas socialmente, Juliano Spyer, pesquisador sobre os evangélicos no Brasil, aponta em seu livro *Povo de Deus* que o que se vê na mídia em geral são associações dessa instituição a pautas negativas, reforçando estereótipos sobre os evangélicos a partir de enquadramentos generalizadores. Com esta reportagem, espera-se servir como um produto midiático alternativo também à essa realidade.

Voltando aos personagens centrais deste livro, dentre tantas perspectivas já citadas, existem aspectos indubitáveis nesta pesquisa: a riqueza da história de quem teve a ousadia de ir contra as expectativas impostas pela sociedade e refazer sua própria história. Inclusive, vale contar como estão os protagonistas hoje.

Atualmente, Bruno trabalha em um prédio como auxiliar de serviços gerais. Tornou-se pai de três meninas e é

muito realizado com a recém-chegada (e tão esperada) filha, fazendo questão de contar para todos que ela nasceu no dia dos pais. Sua rotina é baseada em trabalho, casa e igreja. Com a expectativa de poder levar a caçula para a escola e vê-la crescendo na igreja, Bruno realiza o sonho de viver momentos ainda melhores em sua nova vida com a família que formou.

Como uma nova pessoa, Sena tornou-se uma mulher independente que está construindo sua própria vida. Aproximando-se dos trinta anos e com planos de estudar ainda mais, a moça de carteira assinada hoje trabalha para conquistar sua própria casa e formar-se na área que gosta. Sena não se vê longe da igreja e espera um dia constituir sua própria família e formar seus filhos neste ambiente que ama e que um dia lhe acolheu.

Hoje, Daniel e Carol dedicam suas vidas a um local chamado Umarizeiras, um distrito do município de Maranguape, onde atuam como missionários em uma igreja. Lá, alcançam jovens que vivem como um dia o casal viveu, mostrando-os com propriedade que há chances de trilhar outro caminho. Por tamanho amor que atribuem à missão a qual se dedicam, o casal planeja mudar-se definitivamente para Umarizeiras. Até esse momento chegar, Daniel e Carol desfrutaram da vida de comunhão na igreja com seus três filhos, sempre engajados nas programações, enquanto Carol ainda

espera pela realização do sonho de celebrar a união dos dois com uma cerimônia de casamento na igreja.

Muitas vezes, deixar a droga e o crime para trás, ultrapassando todo estigma e rótulo para recomeçar tudo, não requer apenas força de vontade. Nessa caminhada, sempre haverá dores e marcas a serem carregadas - algumas mais expostas, outras mais particulares. Para construírem uma nova identidade social, essas pessoas precisaram provar ao mundo aquilo que nem sempre é visível aos olhos: o desejo de reescreverem sua própria história.

Seria inalcançável traduzir tudo que cada um dos protagonistas destas memórias aqui retratadas viveram, desde os indescritíveis sofrimentos às mais surpreendentes e transcendentais experiências. Por isso, não há apresentação mais nua e crua dos fatos do que dar aos próprios personagens espaço para contarem suas histórias. Não há o que exagerar ou embelezar. Suas próprias vivências parecem mais valiosas que inúmeros volumes de antropologia ou levantamentos de dados sobre o tema.

De igual forma, livros de psicologia não seriam capazes de decifrar com exatidão o que havia de diferente naquela luz que Bruno avistou, o que continha de especial naquele livro que Sena leu ou que existia de incomum na ordem das notas que

formavam a melodia da música que transformou a história de Daniel e Carol. E é por isso que essas histórias são tão únicas. No lugar certo, na hora certa, prece que tudo se encaixou e cooperou para a mudança de suas vidas. Ouso citar novamente o antropólogo Juliano Spyer, ao concluir que a “ciência pode analisar e compreender determinados aspectos da experiência religiosa humana, mas jamais poderá ir na sua *essência*”. A fé e seus mistérios continuam existindo na experiência pessoal de quem os vive.

Tenho certeza de que já não sou mais a mesma pesquisadora do início deste projeto. Com a experiência de produção desta obra, ouvi e descobri coisas ainda maiores do que poderia imaginar. Faz parte das experiências que o jornalismo nos proporciona. Por fim, fico a pensar quantas pessoas como Sena, Bruno, Carol e Daniel existem por aí, almejando oportunidades para refazerem suas vidas. Buscando transformar o que poderia ser um doloroso *fim* em, na verdade, um belo *começo*. Felizmente, sempre há alguém escrevendo novos capítulos de sua história e espero que, um dia, possa ter sua oportunidade de contá-la ao mundo também.

AGRADECIMENTOS

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”

Mário Quintana



É verdade que, nesta vida, nada se constrói sozinho. E não foi diferente nesta caminhada até aqui. Sou grata a Deus por me inspirar na escolha e me capacitar na realização deste projeto, me ensinado a cada dia a olhar para o próximo como a mim mesma.

Agradeço aos meus pais, Jairo e Marta, por darem tudo de si em nossa família, ensinando desde cedo a mim e aos meus irmãos sobre o poder da educação na vida de alguém. Além de meus tios e avós, jamais poderia deixar de registrar o meu eterno *obrigada* à minha tia Consuelo (em memória) por acreditar, desde minha infância, que um dia eu chegaria aqui. Sou grata aos meus amigos mais chegados que irmãos por estarem sempre comigo, me apoiando e me permitindo compartilhar um pouco das dores e das alegrias desta nobre e

desafiadora jornada. Agradeço ao Diego por ter me auxiliado com equipamentos na escrita com a luz e, em alguns momentos, com a escolha de algumas palavras redigidas também.

Agradeço ao professor Ricardo Jorge pelas orientações, correções e ideias, além do incentivo no constante exercício de me (re)descobrir na escrita com a sensibilidade que o tema merece. Sou grata pela oportunidade de explorar um pouco do mundo em uma universidade pública de qualidade e de carregar com orgulho o nome *Universidade Federal do Ceará* não só em meu diploma, mas também em minha história.

Obrigada aos meus colegas Luana, Lucas e Laila, que foram minhas companhias nesta trajetória universitária. Gratidão especialmente à Luana, com quem mais dividi as aventuras e os desafios do jornalismo, desde a busca pela verdade ao adentrar bairros perigosos para ouvir moradores, até passar o dia inteiro em meio aos batuques de instrumentos da rotina de ritmistas. A intensidade de viver o jornalismo nos trouxe memórias das quais jamais esqueceremos, por terem forjado quem somos.

Sou muito grata a todos os meus colegas de trabalho que, de uma forma singular e humana, me deram suporte durante esta longa caminhada. Tem sido uma grata aventura desenvolver uma comunicação que promova a mobilização

social ao lado de pessoas com quem aprendo e cresço todos os dias.

Bruno, Sena, Carol e Daniel, serei sempre grata a vocês por confiarem em mim e me deixarem mergulhar na história de suas vidas para contá-las ao mundo. Sigo acreditando que um dos bons serviços que o jornalismo pode prestar à sociedade é contar boas histórias em reportagens que ajudem a ampliar a visão de mundo das pessoas. Obrigada por me permitirem isso.

Agradeço aos especialistas que dedicaram tempo em compartilhar seus conhecimentos e experiências para colaborar com esta pesquisa. A cada pessoa que contribuiu nesse processo, fosse cedendo espaço da capela para fotografia, indicando um autor, fonte ou livro: obrigada!

Por último e não menos importante, agradeço a cada um dos leitores desta obra. Eu acredito no poder dos livros - um deles mudou minha vida para sempre. Se você decidiu lê-lo, certamente foi por desejar conhecer estas histórias. Se você chegou até esta última página, espero que a causa retratada nestas folhas tenha gerado, no mínimo, inquietude em seu coração. Obrigada por ter chegado até aqui.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

BERGER, Peter. **Dossel Sagrado.** Edições Paulinas. 1985.

BOHM, Thais. **Desconfiança e preconceito da sociedade dificultam ressocialização de presos.** Agência Senado, 26 Set 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/desconfianca-e-preconceito-da-sociedade-dificultam-ressocializacao-de-presos>.

BRAQUEHAIS, Ingrid Matela. **A Videira e os Ramos: Histórias de vida da Comunidade Cristã Videira.** Fortaleza, 2014.

BRUM, Eliane. **A Vida Que Ninguém Vê.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.** Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Selma Frossard. **O processo de reinserção social do dependente químico após completar o ciclo de tratamento em uma comunidade terapêutica.** Serviço Social em Revista, Londrina, Volume 3, Número 2, Jan/Jun 2001, p. 215. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_processo.htm. Acesso em 12/08/2021, às 14h30.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. Inclusão de pessoas com deficiência: a responsabilidade social das igrejas. **Revista Caminhando**, São Paulo v.16, nº 2, p. 65-76, jul/dez 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/download/2766/2797> Acesso em 31/07/2021 às 11h

CRUZ, Nick; BUCKINGHAM, Jamie. **Foge, Nick, Foge!** 3ª Edição. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2008.

DE PAULA, Eliane Rodrigues dos Santos; LEONE, Haydée Santos; FELIX, Silvana Menezes Zaniboni. **Responsabilidade social da Igreja diante da dependência das drogas**. Discernindo - Revista Teológica Discente da Metodista, São Paulo, v.2, n.2, p. 109-125, jan. dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/discernindo/article/download/4750/4035> Acesso em 01/08/2021 às 13h

Dependência química é uma doença? Jornal de Brasília, 2021. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/saude/dependencia-quimica-e-uma-doenca/>

DUARTE, Jorge; DUARTE; BARROS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DMS Design. **Design gráfico: o significado das cores**. Dms Design, 01 abr 2018. Disponível em: <https://dmsdesign.com.br/design-grafico-o-significado-das-cores/>

Estudo da OMS considera dependência química um transtorno mental. Agência Brasil, 2004. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-03-18/estudo-da-oms-considera-dependencia-quimica-um-transtorno-mental>.

Exército da Salvação. Quem somos. Exército da Salvação, São Paulo. Disponível em:: <https://www.exercitodoacoes.org.br/institucional/quem-somos>.

FILHO, Galdino. **História do Desafio Jovem no Brasil**. Teen Challenge - Brasil, 2017. Disponível em: <https://desafiojovemdobrasil.com.br/historia/>. Acesso em: 09 nov 2022.

FREITAS, Angélica Giovanella Marques. **A Influência da Religião na Ressocialização do Apenado**. 2015. 30 f. Curso de Ciências Jurídicas e Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 19 de junho de 2015. Disponível em: https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/angelica_freitas.pdf.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf.

Fundação Oswaldo Cruz. **III Levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira.** Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4ª Ed. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GONÇALVES, ALICE. **A fé e a razão na construção da sociedade.** Central de Notícias Uninter, 29 set 2016. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/fe-razao-na-construcao-da-sociedade> acesso em 31/07/2021 as 14h.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana** (O. M. Cajado, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1995.

KRAPP, Juliana. **Pesquisa revela dados sobre o consumo de drogas no Brasil.** Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 08 de Ago 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil>

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo.** Campinas: Unicamp, 1995.

Lomography. **A expressividade do Preto e Branco.** Lomography. Disponível em: <https://www.lomography.com/magazine/235957-a-expressividade-do-preto-e-branco>.

MACHADO, Igor Suzano; GOUVÊA, Gustavo Moulin. **De traficante a pastor: uma análise da conversão religiosa de traficantes do bairro da penha em Vitória (ES).** Dilemas: Revista De Estudos De Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Jan/Abr (2022). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dilemas/a/L4DZbxVWwFfZJYPwzvs3cKp/?lang=pt#>.

MADEIRA, Vanessa. **Pesquisa revela as crenças religiosas dos cearenses.** Diário do Nordeste, Fortaleza, 07 Nov 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/pesquisa-revela-as-crencas-religiosas-dos-cearenses-1.2022910>

MARI JR. Sergio. **Entrevista em profundidade.** Infonauta, 2016. Disponível em: <https://infonauta.com.br/pesquisa-em-comunicacao/entrevista-em-profundidade>>. Acesso em: 14 de mai. de 2022.

MENDONÇA, Antonio. G. **O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

Ministério da Cidadania. **Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/obid/observatorio-brasileiro-de-informacoes-sobre-drogas>. Acesso: 15/08/2021.

Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>. Acesso em 14/08/2021.

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: uma visão de psicólogos**. Estudos de Psicologia, Natal, 17 (3). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/?lang=pt>

Portal Guiame. **Amazonas: Presidiários buscam ‘mudar de vida’ por meio da fé**. Portal Guiame, 04 out 2021. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/amazonas-presidiarios-buscam-mudar-de-vida-por-meio-da-fe.html>.

POSSA, Terezinha; DURMAN, Solânia. **Processo de ressocialização de usuários de substâncias lícitas e ilícitas**. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.) v.3 n.1 Ribeirão Preto ago. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200006. Acesso em 01/08/2021

ROCHA, Paula; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. RuMoRes, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69434. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em: 8 maio. 2022.

RODRIGUES, Luciana Boiteux de Figueiredo. Drogas e Cárcere: **Repressão às drogas, aumento da população penitenciária brasileira e alternativas**. In: LEMOS, Clécio. et al. Drogas: Uma nova perspectiva. São Paulo: IBCCRIM, 2014.

Santos, Luis Felipe. A Igreja Batista contra o vício. **Superinteressante**, 9 set 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/a-igreja-batista-contr-o-vicio/>.

SELEÇÕES. **Exército de Salvação: entenda o que é e como ajudar.** Seleções, 05 Jul 2021. Disponível em: <https://www.selecoes.com.br/cultura-lazer/exercito-de-salvacao-entenda-o-que-e-e-como-ajudar/>

Spyer, Juliano. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam.** São Paulo, 2ª edição, Geração Editorial, nov 2020.

WILKERSON, David. **A Cruz e o Punhal.** 4ª Edição. Curitiba: Editora Betânia, 2018.

World Health Organization. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança.** Genebra, 2001.

DO CRIME A CRISTO

Muitas vezes, deixar a droga e o crime para trás, ultrapassando todos os rótulos e o estigma social para recomeçar tudo, não requer apenas força de vontade de alguém. Para construírem uma nova identidade social, essas pessoas precisam provar ao mundo aquilo que nem sempre é visível aos olhos: o desejo de reescreverem sua própria **história**.

Por meio de uma abordagem sensível e humanizada, este livro-reportagem traz a história de Bruno, Sena, Daniel e Carol. Oriundos de diferentes contextos e vivências, os quatro perfilados apresentam um ponto em comum: um passado marcado pelo envolvimento com o tráfico e o uso de drogas em **Fortaleza**.

Ao desejarem mudar de vida, os protagonistas depararam-se com o estigma e a rejeição social, encontrando na **fé** - aquela que não se restringe à religião e que pode ser encontrada em qualquer manifestação de crença - e na igreja evangélica um ponto de apoio para a ressocialização e reconstrução de suas vidas ante a sociedade.

